

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório Final

Educação Pré-Escolar - Aprendizagem em Contexto Real

Discente: Viviane Marques Sequeira

Relatório Final elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa do Mestrado em Educação no Pré-Escolar, para a obtenção do grau de Mestre, sob a orientação da Doutora Ana Maria Sarmento Coelho

Coimbra, Setembro de 2011

AGRADECIMENTOS

O ano lectivo de 2010/2011 foi ocupado com o Mestrado em Educação Pré-Escolar. A etapa final desta formação é a realização do presente Relatório.

Não podia deixar de considerar, para além do esforço individual, toda a colaboração prestada por aqueles que de forma directa, ou indirecta, contribuíram para o trabalho agora apresentado.

Neste sentido não posso deixar de agradecer à Doutora Ana Maria Sarmento Coelho pela orientação prestada ao longo deste ano lectivo, a sua cooperação, disponibilidade e dedicação.

Quero também deixar uma palavra de apreço, pela paciência, compreensão e apoio prestado pela Educadora Cooperante da Instituição onde decorreu o Estágio Curricular, bem como a todas as auxiliares e colaboradores dessa mesma instituição.

Em especial, quero agradecer a quem me proporcionou a oportunidade e possibilidade de chegar a este momento, os meus pais.

Não podia deixar de agradecer ao meu namorado a dedicação e apoio ao longo do meu percurso académico.

Por fim, a todos os que me apoiaram e auxiliaram na minha formação académica e em especial nesta fase final, os meus sinceros AGRADECIMENTOS.

RESUMO

Longe vão os tempos em que à educação de infância estava reservada a mera função de guarda das crianças durante o tempo em que os pais se ausentavam para trabalhar.

Actualmente, é inquestionável o papel importantíssimo que a educação de infância tem na formação dos indivíduos.

Nesse sentido com o aumento dessa importância vem o aumento de exigência, principalmente a nível da formação dos educadores.

Prova disso mesmo é o presente relatório final que, de forma resumida, relata as experiências vivenciadas durante o estágio desenvolvido no âmbito da unidade curricular Prática Educativa, inserida no Plano de Estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar, leccionado na Escola Superior de Educação de Coimbra.

Com este trabalho pretendo evidenciar as experiências mais significativas nesse processo de formação, bem como reflectir acerca dos diferentes factores que influenciam e contribuem para o processo de aprendizagem das crianças no Jardim - de – Infância.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; Formação; Experiências; Crianças;

ABSTRACT

Gone are the days when, to early-childhood-education, was reserved the sheer function of safeguarding the children during the time when the parents were absent, working.

Nowadays, the paramount role that early-childhood-education has in the formation of individuals, is unquestionable.

Following to the aforementioned growth in importance, comes an increase in demand, especially in what concerns the training of educators.

Evidence of what was so far stated, is this final report, which gives a brief account of the experiences lived during the trainee period developed in the scope of the course's subject Educational Practice, included in the syllabus of the MA in Early-Childhood Education, lectured at the High School of Education, Coimbra.

With this work, I intend to highlight the most momentous experiences of this training process, as much as to reflect upon the different factors that influence and contribute for the learning process of children in kindergarten.

Key words: Early-Childhood-Education; Training; Experiences; Children.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	3
Capítulo I.....	4
Enquadramento da Educação Pré – Escolar	4
Capítulo II	6
2. Caracterização da Instituição.....	6
2.1 A Instituição	6
Capítulo III.....	9
3. O Projecto Educativo da Instituição / O Projecto Curricular de Sala	9
3.1 O Projecto Educativo.....	9
3.2 Fundamentação do Projecto Educativo	11
3.3 O Projecto Curricular de Sala.....	13
Capítulo IV.....	14
4. Descrição das Fases do Estágio	14
4.1 - 1ª Fase – Observação do Contexto Educativo	15
4.1.1 Observação e Caracterização do Grupo de Crianças.....	16
4.1.2 Organização do Espaço Educativo	21
4.1.3 Organização do Tempo.....	24
4.1.4 Metodologia Utilizada pela Educadora Cooperante.....	26
4.2 - 2ª Fase – Entrada Progressiva na Actuação Prática	29
4.2.1 Natureza do Projecto	29
4.2.2 Fundamentação Metodológica.....	30
4.2.3 Metas a Atingir e Meios Utilizados.....	31
4.2.4 Planificação e Lançamento do Projecto	32

4.2.5 A Ficha 2 G	34
4.3 - 3ª Fase – Desenvolvimento das Práticas Pedagógicas	36
4.3.1 Actividade do dia 23 de Fevereiro de 2011	38
4.3.2 Actividade do dia 10 de Março de 2011	39
4.3.3 A Ficha 3 G	41
4.4 - 4ª Fase – Implementação e Desenvolvimento do Projecto Pedagógico.....	43
4.4.1 Fundamentação Metodológica.....	43
4.4.2 Importância e Pertinência do Projecto.....	45
4.4.3 Objectivos do Projecto	45
4.4.4 Fases do Projecto	46
PARTE II	53
Capítulo V	54
1. Análise e Reflexão das Experiências Educativas	54
Considerações Finais	62
Bibliografia.....	65
Apêndices.....	67

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO I – Distribuição das salas e n.º de crianças na Creche	7
QUADRO II – Distribuição das salas e n.º de crianças no Jardim de Infância.....	7
QUADRO III – Recursos Humanos da Instituição	8
QUADRO IV – Calendarização de Actividades Propostas.....	10
QUADRO V – Áreas pedagógicas da sala dos 3 anos I	22
QUADRO VI – Momentos e duração das Rotinas diárias	25

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico I – Nível de Implicação e Bem – Estar	19
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura I – Indicadores de Bem-Estar Emocional	18
Figura II – Indicadores de Implicação	18
Figura III – Teia desenvolvida no âmbito do Projecto “Ciclo da Água”.....	31
Figura IV – Teia Final do Projecto “Hospital Sem Medos”	48

INTRODUÇÃO

No âmbito da Unidade Curricular Prática Educativa, do Mestrado em Educação Pré-Escolar, leccionado na Escola Superior de Educação de Coimbra, estava prevista a realização de um estágio curricular com duração de 6 meses. No meu caso, esse estágio teve início no dia 10 de Novembro de 2011 e conclusão no dia 3 de Junho de 2011, e desenvolveu-se na sala dos 3 anos de uma IPSS.

O presente trabalho pretende descrever e, ao mesmo tempo, reflectir acerca da forma como decorreu esse processo de formação, suas fases, dificuldades encontradas e experiências que contribuíram positivamente para o meu futuro profissional enquanto Educadora.

O Relatório está dividido em duas partes. Para além de um breve enquadramento da Educação Pré - Escolar, a primeira parte tem como finalidade apresentar a instituição onde decorreu o Estágio, descrever as fases que o caracterizaram.

O primeiro capítulo está reservado ao Enquadramento da Educação Pré-Escolar. De forma resumida apresento a evolução da Educação Pré – Escolar desde o Estado Novo até à actualidade. No segundo e terceiro capítulo, respectivamente, é efectuada a caracterização da Instituição onde se realizou o Estágio e apresentado o Projecto Educativo da mesma. O quarto capítulo é destinado à descrição e reflexão acerca de quatro fases do Estágio. Neste capítulo, à medida que apresento cada uma das fases efectuo uma reflexão crítica fundamentada com revisão da literatura.

A segunda parte do Relatório destina-se à descrição e reflexão das experiências educativas e às considerações finais. Assim, nesta parte, de uma forma geral, serão descritas as experiências educativas mais relevantes em cada uma das fases que compuseram o Estágio e no final, na parte destinada às considerações finais, indicarei as dificuldades sentidas ao longo deste processo de formação, a forma como essas dificuldades foram ultrapassadas e, como não podia deixar de ser, evidenciarei os aspectos positivos e os elementos que contribuíram para a conclusão deste trabalho.

PARTE I

Capítulo I

Enquadramento da Educação Pré – Escolar

Longe vão os tempos em que à educação de infância estava reservada a mera função de guarda das crianças durante o tempo em que os pais se ausentavam para trabalhar.

Para se compreender o que é, na actualidade, a Educação de Infância em Portugal, temos de ter em conta a análise da sua evolução sócio - histórica. Esta evolução está directamente relacionada com o contexto sócio - político que caracterizou Portugal durante muitos anos.

Até à publicação das Orientações Curriculares¹ a Educação Pré-Escolar, em Portugal, *“era o único subsistema educativo que não apresentava um currículo, assentando a prática educativa, essencialmente, nos conhecimentos criatividade e intuição do educador.”* (Teixeira & Ludovico, 2007, p.34).

No Estado Novo a educação das crianças era, essencialmente, atribuída às mães de família. Neste período, às instituições sob a alçada do Estado, estava reservado o mero papel de assistencialismo, em detrimento da função educativa.

Com a Revolução de Abril, em 1974, surge *“uma nova forma de se conceber a educação de infância: para além de se continuar a valorizar as características psicológicas das crianças, começam a considerar-se, cada vez mais, as características sociológicas, valorizando-se as vivências familiares e a necessidade de estas serem integradas como conteúdos fundamentais das práticas educativas.”* (idem).

A publicação da Lei n.º 5/77, de 1 de Fevereiro, marca o início *“da democratização do ensino, do princípio da igualdade em educação e ao direito das crianças usufruírem de uma educação laica e gratuita.”* (Vilarinho, 2000, p.136).

Mas é no ano de 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo², que se consolida a inserção da Educação Pré – Escolar no Sistema Educativo. Dez anos depois, em 1996, é publicada a Lei – Quadro para a Educação Pré - Escolar³ que estabelece este nível educativo como a primeira etapa da educação básica, define o papel participativo das famílias e o papel estratégico do Estado e da iniciativa particular, cooperativa e social.

¹ Despacho 5220/97, publicado no D.R. n.º 178, II série, de 04 de Agosto de 1997

² Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro, publicada no D.R. n.º 237, I Série, de 14 de Outubro - alterada pela Lei n.º 115/97 de 19 de Setembro e pela Lei n.º 47/05 de 30 de Agosto

³ Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro, publicada no D.R. n.º 34, I Série, de 10 de Fevereiro

No entanto, como referido no início, até à publicação das Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar, apesar dos educadores receberem uma formação inicial com objectivos comuns, *“A falta de um referente em termos curriculares constituía como que uma lacuna neste nível educativo, originando “ linguagens” diversas e práticas bastante díspares entre os educadores.”* (idem.).

Assim, as Orientações Curriculares⁴, publicadas em 1997 surgem para colmatar aquela lacuna e *“constituem uma referência comum para todos os Educadores da Rede Nacional de Educação Pré – Escolar e destinam-se à organização da componente educativa. Não são um programa, pois adoptam uma perspectiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças. Diferenciam-se também de algumas concepções de currículo, por serem mais gerais e abrangentes, isto é, por incluírem a possibilidade de fundamentar diversas opções educativas e, portanto, vários currículos.”* (Ministério da Educação, 1997,p.13).

Ao olharmos para o contexto sócio - histórico e político de cada um dos períodos indicados, verificamos que à Educação Pré – Escolar tem sido atribuído um papel cada vez mais importante. Da função meramente assistencialista, que a caracterizava no período do Estado Novo, actualmente, consideramos que *“A Educação Pré – Escolar é a primeira etapa da educação básica no processo educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.”* (artigo 2º da Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro, publicada no D.R nº34, I Série, de 10 de Fevereiro)

⁴ Despacho 5220/97, publicado no D.R. n.º 178, II série, de 04 de Agosto de 1997

Capítulo II

2. Caracterização da Instituição

2.1 A Instituição

“ As condições que se consideram necessárias para a existência de uma “escola inclusiva” tais como o bom funcionamento do estabelecimento educativo, o envolvimento de todos os intervenientes – profissionais, crianças, pais e comunidade – a planificação em equipa, são aspectos a ter em conta no processo educativo a desenvolver na educação pré – escolar.”

(ME,1997, p.20)

A instituição onde realizei o meu estágio é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) situada numa comunidade urbana e é destinada aos filhos dos funcionários de uma instituição hospitalar. Esta instituição abre às 7h30m, embora a receção das crianças seja até as 9h30m, e encerra às 18h30m.

Com um total de 8 salas, tem capacidade para receber 185 crianças (desde os 4 meses aos 5 anos) distribuídas pela Creche (60) e pelo Jardim-de-infância (125). O edifício é constituído por três pisos: ao nível da cave, o piso 0, destina-se fundamentalmente a arrecadações, instalações sanitárias de serviço, sala polivalente e sala da caldeira; o piso 1 é ocupado pela área administrativa, pelo refeitório e pelos dormitórios. A entrada principal também é neste piso, onde se encontra, também, um palco de apoio às festas desta Instituição; no piso 2, a ala esquerda é destinada às salas da creche e a ala direita ao Jardim de Infância. Neste piso existem, também, alguns gabinetes destinados às educadoras e uma sala de isolamento, que serve para evitar casos de contágio, como por exemplo o da Gripe A.

A qualidade e o bem-estar são preocupações notórias nas divisões amplas, na dignidade dos diversos espaços de apoio e nos materiais utilizados.

A Instituição pretende proporcionar, às crianças que a frequentam, um espaço de acolhimento em ambiente educacional e recreativo, durante o período normal de trabalho dos pais. Tem por objectivos a assistência materno-infantil e a Educação pré-escolar, tendo em vista assegurar as condições básicas que favoreçam um desenvolvimento harmonioso e integral das crianças; colaborar com as famílias na educação e promoção da saúde infantil e, proporcionar a cada criança condições de bem-estar e segurança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário – condição básica da Educação Pré-Escolar.

A Instituição está organizada da seguinte forma:

- *A Creche*, que se destina às crianças com idades compreendidas entre os 4 meses de idade e os 36 meses, está dividida conforme se apresenta apresentado no Quadro I.

- *O Jardim-de-infância*, que se destina às crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, está dividido conforme se apresenta no Quadro II.

Os Recursos Humanos da Instituição são apresentados no quadro III.

QUADRO I – Distribuição das salas e n.º de crianças na Creche

Creche		
Berçário I (4 aos 12 meses)	Berçário II (12 aos 24 meses)	Sala dos 2 anos (24 aos 36 meses)
16 crianças	21 crianças	21 crianças

Fonte: Projecto Educativo da Instituição – Ano lectivo 2010/2011

QUADRO II – Distribuição das salas e n.º de crianças no Jardim de Infância

Jardim de Infância				
Sala I 3 anos	Sala II 3 anos	Sala I 4 anos	Sala II 4 anos	Sala dos 5 anos
23 Crianças	18 Crianças	18 Crianças	18 Crianças	22 Crianças

Fonte: Projecto Educativo da Instituição – Ano lectivo 2010/2011

QUADRO III – Recursos Humanos da Instituição

Recursos Humanos				
Pessoal Docente	Pessoal não Docente	Técnicos de Apoio às actividades Extra-Curriculares	Psicólogo	Direcção
7 Educadoras do quadro permanente 1 Educadora de apoio e especializada em necessidades Educativas Especiais	22 auxiliares de apoio às salas 2 auxiliares de apoio à copa e cozinha 1 animadora sócio -cultural	Natação Música Ballet Ginástica (actividade curricular)	1 Psicóloga	3 elementos responsáveis pelo pelouro do Infantário

Fonte: Projecto Educativo da Instituição – Ano lectivo 2010/2011

Capítulo III

3. O Projecto Educativo da Instituição / O Projecto Curricular de Sala

3.1 O Projecto Educativo

“ Os grandes problemas educacionais são a passagem do currículo a projecto curricular, ou seja, o currículo permanece como a grande referência das aprendizagens que são necessárias mas ele tem de ser apropriado, transformado nalguma coisa, que é o projecto, na medida em que é escolha, orientação, organização pensada e decidida pelas pessoas, pelos responsáveis que estão na situação concreta para aqueles alunos concretos.”(Roldão in Zabalza, 2000, p.17)

O Projecto Educativo da Instituição destina-se a aprofundar os objectivos gerais e específicos de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, no Ministério de Educação.

O Projecto Educativo da Instituição intitula-se “Era uma vez...” e tem como subtítulo “Vitória, Vitória Vamos Ouvir Uma História...”. Este projecto foi contextualizado tendo em conta a Lei - Quadro da Educação Pré-Escolar ⁵ e, segundo o mesmo, surgiu com base na constatação que, antes de a criança descobrir o mundo que a rodeia, precisa de descobrir o seu próprio “mundo”.

O Projecto Educativo afirma, também, que “tem de ser fomentada a mobilidade e curiosidade da criança sobre o seu próprio “mundo” e “o mundo que a rodeia sendo de extrema importância a intervenção de pais e de educadores.”

A escolha daquela temática para o Projecto Educativo da Instituição deste ano lectivo assenta nas ideias de que “contar histórias faz parte de todo o processo de desenvolvimento da criança, que contar histórias é um veículo de transmissão de conhecimentos, que através das histórias vamos enriquecendo o conhecimento da língua materna, que na relação

⁵ Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro, publicada no D.R n.º34, I Série, de 10 de Fevereiro

contador/ouvinte estabelecem-se laços de cumplicidade e de afecto inegáveis, que as crianças vivem através das histórias, momentos intensos de fantasia/sonho/angustia, retirando muito prazer, que quando a criança ouve uma história, acontece sempre algo no seu íntimo, mesmo que já a tenha ouvido centenas de vezes, etc.” (Projecto Educativo da Instituição, 2010/2011)

Como tal, este projecto educativo tem como objectivos globais e globalizantes, independentemente dos que venham a ser definidos em cada área de trabalho, os seguintes tópicos: despertar e sensibilizar para o mundo mágico de histórias; desenvolver a comunicação e linguagem oral e escrita; ampliar o vocabulário; proporcionar o gosto pela leitura e pelos livros; formar crianças leitoras, favorecer a sociabilidade; desenvolver a capacidade de atenção e concentração; estimular a criatividade e a capacidade de imaginação; fomentar o gosto pela representação dramática; promover uma nova postura perante os livros; facultar novas formas de apresentação do livro; aprender a utilizar/manusear os livros de forma adequada; valorizar diferentes formas de expressão, narrativa, trava-línguas, rimas, lengalengas, adivinhas, poesia, etc.; valorizar a linguagem escrita como meio de informação e comunicação de desejos e emoções.

É de salientar também que a instituição tem um Plano Anual de Actividades referente a cada um dos meses do ano (apresento apenas a dos meses referentes ao meu período de estágio):

QUADRO IV – Calendarização de Actividades Propostas

Calendarização	Actividades Propostas
Novembro	- Magusto (Dia de S.Martinho) - Início do Projecto “A Casa do Pai Natal”
Dezembro	- Festa de Natal da instituição – convite aos pais (Auto de Natal, troca de prendas, lanche partilhado) - Festa de Natal da C.P.H.U.C.
Janeiro	- “A Chegada dos Reis Magos aos Caracol”
Março	- Baile de Carnaval com os avós - “O Pai vem ao Caracol” - “Olá Primavera” (visita ao Jardim Botânico)
Abril	- “A Mãe vem ao Caracol”
Maior	- Passeio dos Finalistas (Jardim Zoológico)
Junho	- Dia da Criança - Festa de Finalistas na instituição

Fonte: Projecto Educativo da Instituição – Ano lectivo 2010/2011

3.2 Fundamentação do Projecto Educativo

Ao optarem pela temática “Vitória, Vitória Vamos Ouvir Uma História...” as Educadoras da Instituição têm como objectivo motivar e sensibilizar todos os intervenientes no processo educativo, as crianças, pais, restantes elementos da comunidade educativa, bem como a comunidade em geral, “...para a necessidade de desenvolver, através de actividades lúdicas, temas transversais que como o seu nome indica, não se trabalha como meros materiais específicos, à margem das outras áreas, mas sim, de uma forma global...”⁶

A Instituição elaborou um conjunto de estratégias de forma a promover o encontro da criança com o livro, de forma a proporcionar o contacto com vários textos e livros de diversos géneros literários e de modo a criar condições que favoreçam o desenvolvimento psicológico da criança. Nessas estratégias estão incluídas visitas à Gráfica de Coimbra, à Ludoteca, à Casa da Cultura em Coimbra e a promoção de uma visita a um Autor ou contador de Histórias.

O objectivo destas actividades é incentivar o gosto pela leitura; possibilitar o acesso a diferentes fontes de leitura; diversificar os materiais de leitura; desenvolver o espírito crítico; despertar imaginação e a criatividade; desenvolver o aspecto psicológico, afectivo e social e sensibilizar a família para interagir com a criança. Para isso propõe-se utilizar os seguintes métodos: visionamento de filmes; apresentação de histórias/contos do Plano Nacional de Leitura; conto/reconto de histórias; elaboração de pequenos livros; realização de bandas desenhadas; recolha de contos, adivinhas, lenga-lengas, poesias e outros, com a participação da família e dramatizações.

⁶ Projecto Educativo da Instituição para o ano lectivo 2010/2011

De acordo com o Projecto educativo os resultados que se pretendem atingir são:

➤ **Aquisições a nível cognitivo:**

- Enriquecimento da linguagem
- Enriquecimento do vocabulário;
- Desenvolvimento da imaginação, da criatividade, do espírito crítico e da autonomia
- Identificação de várias formas de escrita.

➤ **Aquisições a nível de atitudes:**

- Saber ouvir uma história;
- Leitura por iniciativa própria;
- Produção de textos;
- Invenção de histórias;
- Dramatização de situações ou histórias;
- Análise dos textos e histórias;
- Organização de pequenos livros;
- Valorização e crítica do trabalho individual e de grupo;
- Reconhecimento de valores;
- Promover o gosto pela aquisição de livros;
- Procurar levar a família a partilhar hábitos de leitura com as crianças;
- Trazer a família à Creche/Jardim de Infância, para contar histórias;
- Apresentação da história à família;

De acordo com o Projecto Educativo a avaliação dos resultados é realizada semanalmente, todas as terças feiras de cada mês, em reunião de docentes, através de observação directa, de registos em contexto sala de actividades, visitas ao exterior, actividades realizadas com a participação das crianças e famílias e entrevistas às crianças, pais e comunidade envolvente.

3.3 O Projecto Curricular de Sala

O Projecto Curricular de Sala (PCS), é um elemento fundamental, que reúne os princípios destinados a apoiar o educador nas decisões sobre a prática pedagógica e a forma como conduzir o processo educativo. O Projecto Curricular de Sala vai ao encontro das opções pedagógicas definidas no Projecto Educativo da Instituição, e tem, tal como este, o título “ Vitória, vitória vamos ouvir uma história”. Este projecto pretende demonstrar o que se pretende realizar com o grupo de crianças da sala dos 3 anos durante o ano lectivo 2010/2011.

Segundo o Projecto Curricular de Sala, a Educadora Cooperante pretende desenvolver um processo coerente, consciente, adaptado à situação real do meio, Instituição, Família e Grupo, para chegar a cada criança em particular. O seu papel como agente educativo, deverá ser o de mediador do desenvolvimento como incentivador de autonomia da criança. Isto implica a importância da observação sistemática, de reorganizar o espaço motivacional, ampliar o campo de experiência e diversificar as situações promotoras do desenvolvimento cognitivo, afectivo, social e psicomotor.

Capítulo IV

4. Descrição das Fases do Estágio

O Estágio Curricular, efectuado no âmbito da Unidade Curricular Prática Educativa, do Mestrado em Educação Pré-Escolar, ano lectivo de 2010/11, teve a duração de 300 horas, decorreu ao longo de 7 meses, com início no dia 10 de Novembro de 2010 e final no dia 3 de Junho de 2011. Realizou-se numa Instituição semi-privada, situada na zona geográfica de Coimbra e visou o aprofundamento do contacto com a realidade no contexto da Educação Pré-Escolar.

Este Estágio foi concretizado através de actividades diferenciadas, em diferentes períodos de responsabilização, divididas em quatro fases: a 1ª fase foi a fase de Observação do Contexto Educativo. Decorreu durante 5 semanas, de 10 de Novembro a 17 de Dezembro de 2010; a 2ª fase foi a fase de Entrada Progressiva na actuação Prática, com duração de 4 semanas, de 5 de Janeiro a 28 do mesmo mês, do presente ano; a 3ª fase consistiu no Desenvolvimento das Práticas Pedagógicas, com duração de 8 semanas, teve início em 23 de Fevereiro e terminou no dia 15 de Abril; por fim a 4ª fase caracterizou-se pela Implementação e Desenvolvimento de um Projecto Pedagógico que culminou com o final do Estágio. Teve a duração de 6 semanas, iniciou-se em 27 de Abril e terminou no dia 3 de Junho.

Como referido na Introdução deste relatório, este capítulo será desenvolvido em torno das quatro fases que compuseram o Estágio Curricular.

Será descrito, resumidamente, em que consistiu cada uma dessas fases e será apresentada uma reflexão pessoal, articulada com a respectiva revisão de literatura.

4.1 - 1ª Fase – Observação do Contexto Educativo

“ A observação constitui, ..., a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo” (ME, 1997,p.25)

O objectivo principal desta fase era observar a organização do ambiente educativo da Instituição no que diz respeito ao grupo de crianças, ao espaço físico da Instituição, ao tempo destinado às rotinas diárias e às actividades realizadas pela Educadora Cooperante com as crianças. Pretendia-se, também, observar o meio institucional, a relação com os pais e os parceiros educativos, bem como a prática pedagógica da educadora cooperante, a interacção estabelecida entre esta e as crianças e seus pais. A observação devia ser completada com a consulta do Projecto Educativo da Instituição e do Projecto Curricular de sala e com a recolha, tratamento e sistematização daquilo que se observava.

Tendo em conta os objectivos desta fase e o seu tempo de duração (decorreu durante 5 semanas, de 10 de Novembro a 17 de Dezembro de 2010), pude observar e retirar algumas conclusões acerca da organização do espaço educativo, da caracterização do grupo de crianças, da organização do tempo, da metodologia utilizada pela Educadora Cooperante, que de seguida exponho.

4.1.1 Observação e Caracterização do Grupo de Crianças

“No processo de observação e documentação torna-se crucial utilizar formas de registo susceptíveis de identificarem quer as forças quer as áreas de fragilidade que necessitam de atenção e intervenção prioritárias, atendendo aos processos de implicação e bem estar emocional experienciados pelas crianças, permitindo a monitorização dos progressos e fundamentando a tomada de decisão sobre a intervenção subsequente.” (Portugal & Laevers, 2010, p. 10).

Na Educação Pré-Escolar o Educador de Infância tem de conceber e desenvolver o currículo através da planificação, organização e a avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção das aprendizagens integradas. Estas competências vêm definidas no Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto, em particular no seu anexo I.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) constituem o quadro de referência para todos os Educadores, e pretendem contribuir para a promoção da Educação Pré-Escolar assente em princípios de qualidade e igualdade. *“As Orientações Curriculares constituem uma referência comum para todos os educadores da Rede Nacional de Educação Pré – Escolar e destinam-se à organização da componente educativa.”* (ME, 1997, p. 13).

Neste sentido a observação, o planeamento, a acção, e a avaliação do grupo de crianças, das capacidades, interesses e dificuldades individuais, de cada um dos seus elementos, são um ponto de partida para se atingirem aqueles objectivos.

De forma a auxiliar o Educador na prossecução dos seus objectivos, uma equipa de investigadores ⁷ na Universidade de Aveiro, desenvolveu um projecto designado por Sistema de Acompanhamento das Crianças (SAC).

⁷ Equipa de Investigação: Gabriela Portugal (investigadora responsável), Paula Santos, Aida Figueiredo, Ofélia Libório, Natália Abrantes, Carlos Silva, Sónia Góis (bolseira de investigação) e Ana Coelho (consultora).

“O SAC é um instrumento de apoio à prática pedagógica do educador de infância que procura agilizar a relação entre práticas de observação, documentação, avaliação e desenvolvimento curricular, com base num ciclo contínuo de observação, avaliação, reflexão e acção, considerando o bem-estar, implicação, aprendizagem e desenvolvimento das crianças. O SAC organiza-se em ciclos contínuos de observação e reflexão ao longo do ano, comportando cada ciclo 3 fases: Fase 1 – Avaliação Geral do Grupo, Fase 2 – Análise, reflexão e conclusão sobre a avaliação geral e Fase 3 – Definição de objectivos e iniciativas para o contexto educativo geral, considerando os aspectos positivos e negativos identificados.” (http://colabora.com.pt/file.php/4/Poster_SAC.pdf).

O SAC foi-nos apresentado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da ESEC, na unidade curricular Prática Educativa, através do site “Colabor@”⁸ (<http://colabora.com.pt/>).

Assim, na primeira fase do estágio - Observação do Contexto Educativo, de forma a caracterizar o grupo de crianças, bem como avaliar os níveis de bem-estar e implicação geral do grupo, recorri à Ficha 1G⁹ do SAC que se encontra em Apêndice a este Trabalho¹⁰.

O conceito de bem - estar é definido por Leavers como *“um estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia”*. (Leavers in Portugal & Leavers, 2010, p.20).

Já o conceito de implicação pode ser definido como *“uma qualidade de actividade humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência, caracterizando-se por motivação, interesse e fascínio, abertura aos estímulos, satisfação e um intenso fluxo de energia. É determinado pela necessidade de exploração e pelo nível de desenvolvimento.”* (Leavers in Portugal & Leavers, 2010, p.25).

O objectivo principal da utilização da ficha 1G foi obter uma visão sobre o funcionamento do grupo em geral e identificar as crianças que necessitavam de apoio adicional ou atenção diferenciada e perceber aspectos que requeriam intervenções específicas

⁸ Projecto de investigação-acção, integrado num programa de trabalhos de Doutoramento, que visa, de um modo cíclico e colaborativo, articular pesquisa/ prática(s) pedagógica(s)/formação não só na etapa inicial como na formação contínua de educadores de infância, problematizando a exploração de novas soluções tecnológicas, promotoras do trabalho coooperativo e da aprendizagem em rede (comunidades de prática), enquanto estratégia colaborativa de supervisão.

⁹ Ficha de avaliação utilizada na 1ª fase do ciclo de observação/avaliação do SAC.

¹⁰ Apêndice nº1

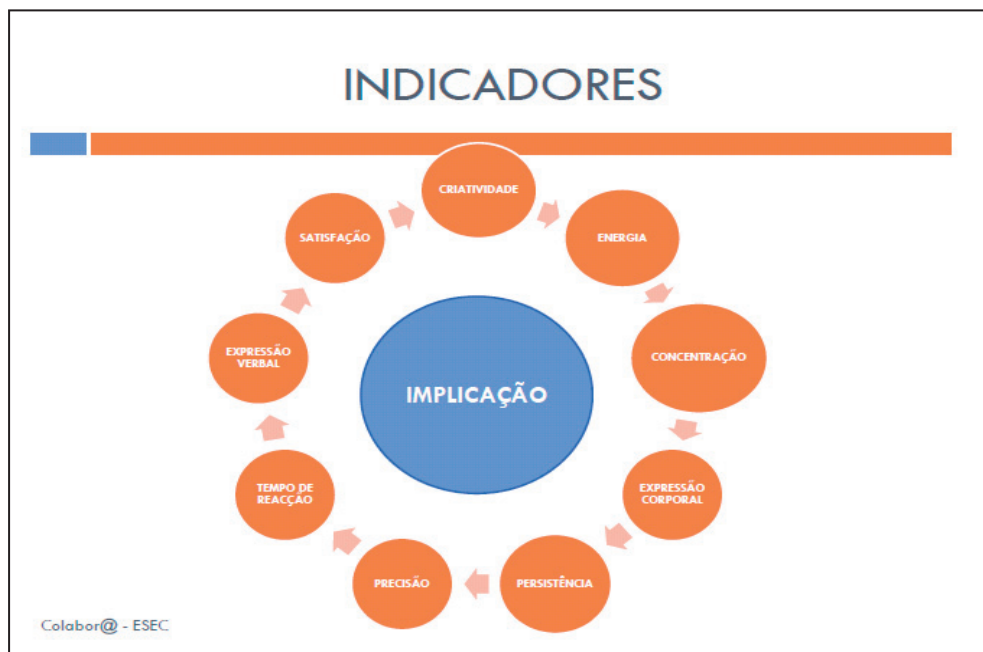
As imagens seguintes demonstram os indicadores tidos em conta para a avaliação dos níveis de bem-estar e implicação das crianças.

Figura I – Indicadores de Bem-Estar Emocional



Fonte: Colabor@ Esec

Figura II – Indicadores de Implicação



Fonte: Colabor@ Esec

Os dados recolhidos para Ficha 1G foram obtidos através de observações realizadas nos dias 2 e 3, 9 e 10, e nos dias 15 a 17, de Dezembro de 2010. As observações foram efectuadas durante a realização de algumas actividades e de alguns momentos específicos do dia. Os dados foram registados após as actividades uma vez que, durante a realização das mesmas, não seria apropriado pois as crianças podiam sentir-se observadas.

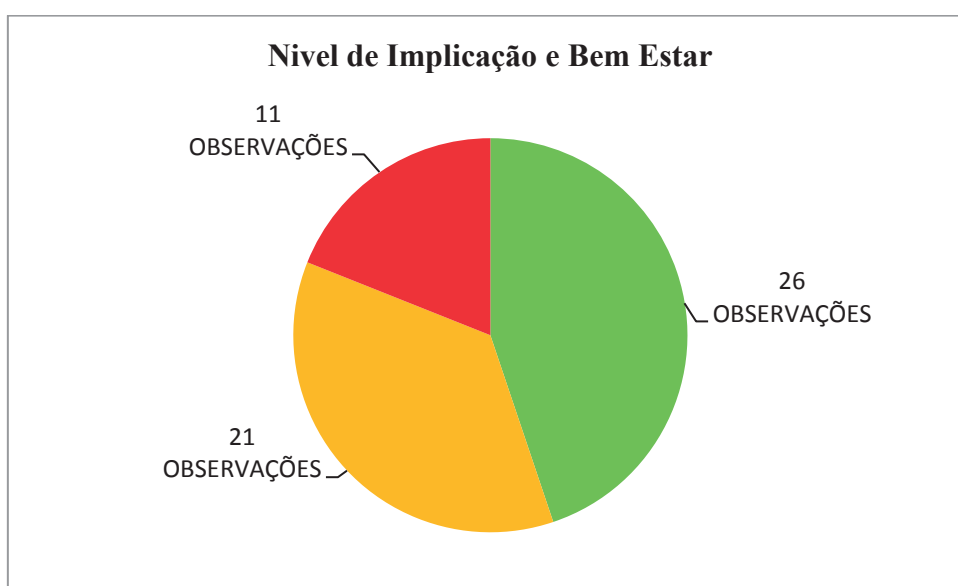
As actividades realizadas naqueles dias foram, sobretudo, ligadas a áreas de conteúdo no domínio da expressão plástica, expressão motora e da linguagem oral.

O gráfico que de seguida se apresenta foi elaborado de acordo com as 58 observações efectuadas a 23 crianças da sala, de nacionalidade Portuguesa, com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos, sendo 9 do sexo masculino e 14 do sexo feminino.

Tentei avaliar os diferentes níveis de bem-estar e implicação das crianças e representá-los por 3 cores:

“A cor vermelha assinala as crianças que suscitam preocupação em termos de bem-estar ou implicação. A cor laranja indica o número de crianças que parecem funcionar em níveis médios, tendencialmente baixos, ou crianças que suscitam dúvidas. A cor verde representa as crianças que parecem usufruir bem da sua permanência no jardim de infância.” (Portugal e Laevers, 2010, pg. 77 e 78).

Gráfico I – Nível de Implicação e Bem – Estar



Da análise do gráfico conclui-se que, no geral, as crianças parecem usufruir bem da sua permanência no jardim-de-infância tendo em conta que a maioria das observações (26) foram classificadas com a cor verde. Algumas observações (21) foram classificadas com a cor laranja o que indicia que, em algumas das actividades ou momentos observados, existem crianças que “ necessitam de uma maior atenção, pois não parecem estar a funcionar em níveis desejáveis” (Portugal & Laevers, 2010, p. 78). No entanto há que considerar que a cor laranja também assinala “*as crianças em relação às quais existem dúvidas (?) e dificuldades em perceber o seu funcionamento, sendo difícil atribuir-lhes um nível.*” (idem). Também se verifica que existem observações (11) classificadas na cor vermelha o que indica que algumas crianças suscitam preocupação em termos de bem-estar ou implicação. Ao consultar a Ficha 1G são identificáveis as crianças que se encontram neste nível. De facto essas crianças, em algumas das actividades e momentos observados, demonstravam pouco entusiasmo e distraíam-se facilmente com os colegas.

Uma nota que considero importante: a Ficha 1G, como já foi referido, tem como objectivo efectuar um diagnóstico geral da situação do grupo no que aos níveis de bem-estar e implicação diz respeito. Mas, “ *numa fase inicial, esta avaliação realiza-se, sensivelmente, no final do primeiro mês do ano lectivo (e.g., Setembro - Outubro – avaliação diagnóstica). Outros momentos de avaliação geral deverão ocorrer ao longo do ano (e.g., Dezembro-Janeiro; Março-Abril; Junho-Julho – avaliações intermédias e finais)*” (Portugal & Laevers, 2010, p. 77). Assim, uma vez que esta abordagem só foi utilizada naqueles dias de Dezembro (avaliação intermédia), não desconsiderando a importância dos dados recolhidos, há que ter em conta que, para uma conclusão mais precisa, seria necessário ter-se utilizado esta abordagem logo no início do ano lectivo Setembro - Outubro, o que não foi possível, porque, naqueles meses, o estágio ainda não se tinha iniciado. No entanto foram utilizadas outras abordagens nomeadamente a análise e reflexão em torno do grupo e contexto e a definição de objectivos e iniciativas para o grupo/contexto, cujos resultados serão apresentados numa fase posterior deste Relatório.

4.1.2 Organização do Espaço Educativo

“Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir olhar, ler, pensar.”

(Battini, in Zabalza, 1998, p.231)

A organização do espaço educativo, na educação pré-escolar, reveste-se de especial importância. A forma como este é organizado reflecte, em grande medida, não só a expressão da intenção educativa de uma Instituição, mas também aquilo que as crianças podem fazer e aprender.

O termo “espaço” significa lugar mais ou menos bem delimitado, cuja área (maior ou menor) pode conter alguma coisa¹¹. No entanto, quando utilizamos o termo “espaço educativo” estamos a fazer referência ao local onde se desenvolve o processo educativo e, neste sentido, a sua organização e dinâmica definem, em muito, o contexto das aprendizagens. Assim, o educador, quando elabora o seu plano de trabalho, tem de ter em conta o espaço onde este se vai desenvolver. Tem de o organizar, de o equipar e de enriquecê-lo de forma a transformar esse espaço num local estimulante para as crianças.

“O ambiente de aprendizagem influi nas condutas de maneiras muito diferentes. As mensagens ambientais incitam ao movimento, chamam à atenção sobre alguns materiais de aprendizagem, mas não sobre outros, estimulam um envolvimento profundo ou superficial, convidam as crianças a apressarem-se ou a movimentarem-se lentamente.” (Battini, in Zabalza, p.237)

¹¹ Dicionário de Língua Portuguesa – <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa>

A sala onde decorre o estágio, tem aproximadamente 50m² e está organizada por áreas pedagógicas, conforme o quadro que se apresenta:

QUADRO V – Áreas pedagógicas da sala dos 3 anos I

Áreas Pedagógicas
Canto da Manta
Casa das Bonecas
Biblioteca
Área Polivalente

O Canto da Manta, é um espaço onde se encontra um tapete grande e um espelho fixado na parede para as crianças poderem olhar-se nele (o que acontece na maioria das vezes que estão sentadas no tapete). Este espaço é destinado às actividades colectivas como, por exemplo, a saudação matinal, a leitura de histórias e algumas actividades de movimento.

A Casa das Bonecas é o espaço da sala onde as crianças mais gostam de permanecer. Neste espaço, as brincadeiras implicam a interacção e a cooperação. Existem uma diversidade de objectos, à escala, tais como uma mesa com uma toalha colorida com um cesto de frutas em cima, uma banca de cozinha equipada com forno e com toda a louça e elementos que fazem parte de uma cozinha. Estes objectos proporcionam, às crianças, um espaço de representação de diferentes papéis sociais relacionados com o seu meio mais próximo, a casa de habitação. As brincadeiras são relacionadas com a representação de diversos papéis familiares, bem como diversos acontecimentos que experienciam e ouvem falar, como por exemplo, confeccionar uma refeição, servir à mesa, preparar uma festa de anos, entre outros. Neste espaço existem, ainda, alguns bonecos e bonecas com roupas e os respectivos acessórios, bem como uma arca que serve para guardar a roupa e adereços daqueles bonecos.

O Canto da Biblioteca é um espaço onde se encontram dispostos alguns livros, sendo a maioria de contos infantis. No entanto, considero que, o Canto da Biblioteca podia ser equipado com uns “puf’s” ou sofás, de forma a tornar o espaço mais confortável e devia estar localizado perto do Canto da Manta, local onde habitualmente são lidas as histórias, uma vez que neste espaço existe mais luz natural.

O restante espaço é ocupado por um conjunto de mesas e por uma prateleira aberta e acessível com alguns jogos. É um espaço amplo que permite que se desenvolvam algumas actividades e que podemos considerar a Área Polivalente da sala.

“A área polivalente é constituída por um conjunto de mesas e cadeiras suficientes para todo o tipo de encontros colectivos do grande grupo (acolhimento, conselho, comunicações e outros encontros) e que vai servindo de suporte para outras actividades de pequeno grupo, ou individuais, ou de apoio do educador às tarefas de escrita e de leitura ou de qualquer outro tipo de ajuda a projectos e actividades que se vão desenrolando a partir das áreas respectivas.” (Niza, 2007, p.132).

Ao nível do espaço exterior as crianças têm acesso a uma varanda, que se torna um prolongamento da sala. Neste espaço, encontramos uma caixa de legos e 2 ou 3 triciclos com pedais, que, por sinal, são bastante disputados pelas crianças.

Perto da Instituição existe, também, um parque verde com mesas de piquenique, um lago e bastante vegetação, baloiços e uma caixa de areia. A existência destes espaços nas instituições é muito importante. *“Não é possível restringir espaço escolar aos limites das paredes de uma sala de aula. São muitos seus prolongamentos, dos quais, naturalmente, as crianças vão-se apropriando, como os pátios externos, corredores e demais dependências da instituição”* (Horn, 2004, p.38).

Este espaço é, habitualmente, utilizado no final das actividades, após o lanche, com vigilância por parte das auxiliares e sempre que as condições climáticas o permitem. Aqui as crianças podem brincar livremente, mais descontraídas e usufruir de uma variedade de elementos naturais tais como, pedras, areia, água, plantas vivas, e de áreas iluminadas pelo sol ou áreas de sombra.

Quanto aos materiais, para além dos referidos anteriormente, na sala podemos encontrar puzzles, de peças grandes, jogos que permitem que criança estabeleça correspondência entre imagens, uma caixa de botões grandes e coloridos de forma a que a criança possa identificar cores primárias e secundárias e ao mesmo tempo usar aqueles botões para elaborar colares. Existem, também, vários tipos de legos para a realização de construções.

Apesar de os materiais estarem um pouco usados e gastos, são adequados ao número de crianças, uma vez que existiam em quantidade suficiente para todos brincarem em simultâneo.

De uma forma geral o espaço educativo é flexível e está organizado de forma a permitir que as crianças se movimentem livremente, possibilitando escolhas e tomada de decisões quanto ao tipo de brincadeiras que pretendem, uma vez que está dividido por áreas de interesse bem definidas, com mobiliário constituído por diversas prateleiras e gavetas de arrumação que permitem o acesso a uma variedade de objectos e materiais que podem ser explorados, transformados, combinados e manipulados por cada criança, livremente, sem interromper os outros, ou ser interrompida.

É um espaço acolhedor, seguro, limpo e motivante que promove nas crianças uma aprendizagem activa, permitindo uma grande diversidade de brincadeiras, a sós ou com outras crianças, incluído explorações, construções, jogos de faz-de-conta e desenhos e outros jogos simples.

4.1.3 Organização do Tempo

“O tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade” (OCEPE, 1997, p.40)

A consistência da rotina é particularmente importante na Educação Pré – Escolar. Nesta fase de desenvolvimento as crianças vivenciam, por vezes pela primeira vez, a separação do ambiente familiar.

“A rotina diária facilita as transições das crianças de casa para os contextos educativos ao criar um sentido de pertença a uma comunidade.” (Hohmann & Weikart, 1997, p.226).

Para além das áreas de interesse, descritas anteriormente, que *“proporcionam uma estrutura do espaço físico, a rotina diária oferece uma estrutura para os acontecimentos do dia – uma estrutura que define, ainda que de forma pouco restrita, a maneira como as crianças utilizam as áreas e o tipo de interações que estabelecem com os colegas e com os adultos durante períodos de tempo particulares”*. (Hohmann & Weikart, 1997, p.224).

A organização do tempo educativo na instituição é flexível, no entanto, há momentos/acontecimentos que se repetem ao longo do dia, conforme se apresenta no Quadro VI.

QUADRO VI – Momentos e duração das Rotinas diárias

Momentos da rotina	Duração
Entrada e acolhimento em grande grupo	7h30 – 9h30
Conversa em grupo Apresentação e dinamização das actividades propostas/actividades livres	9h30 – 11h15
Tempo de arrumar Higiene Almoço	11h15 – 12h45
Hora de repouso	12h45 – 15h
Higiene/Lanche	15h – 16h
Actividades Livres/Saídas	16h – 18h30

Fonte: Projecto Curricular de Sala

O restante tempo do dia é gerido de uma forma mais flexível.

O período da manhã, após a recepção das crianças, inicia-se com um momento prévio de conversa em grande grupo onde se efectua a marcação de presenças e se contam as novidades. Posteriormente, dá-se início às diferentes actividades que são propostas pela Educadora ou pelas crianças. Para que todas participarem nas actividades, constituem-se pequenos grupos. No fim de cada actividade, é tempo para as crianças realizarem alguns jogos de mesa e brincarem livremente. A parte da tarde é aproveitada, sobretudo, para actividades de escolha livre ou brincadeira ao ar livre. Algumas crianças participam em actividades extra curriculares, como por exemplo a música, o inglês ou educação física. Estas actividades são opcionais, isto é, os pais que pretendam que os filhos as frequentem têm de pagar uma mensalidade para o efeito. O ideal seria que as mesmas fossem proporcionadas a todas as crianças, no entanto, nem sempre os recursos das instituições o permitem.

Esta organização temporal procura, ainda, integrar as actividades preconizadas no projecto curricular e também integrar as actividades à sequência natural do ano (sazonais e/ou festas).

O tempo na Componente Socioeducativa, valência de almoço, e o tempo na Componente Apoio à Família são preenchidos com actividades de ar livre/informais (recreio) e com jogos ou actividades audiovisuais no salão polivalente.

4.1.4 Metodologia Utilizada pela Educadora Cooperante

“os projectos envolvem as crianças num planeamento avançado e em várias actividades que requerem a manutenção de esforço durante vários dias ou semanas” (Katz & Chard, 1997,p.3)

A utilização de modelos pedagógicos pelos educadores de infância reflecte a qualidade da sua prática educativa. As opções que tomam relativamente à adopção de um modelo, em detrimento de outro, reflectem a sua autonomia e especificidade profissional e promovem a qualidade educativa. No entanto, mais importante do que a escolha de um modelo pedagógico é a reflexão acerca da intencionalidade educativa que está por trás da tomada de decisões. *“Esta intencionalidade exige que o educador reflecta sobre a sua acção e a forma como a adequa às necessidades das crianças e, ainda sobre os valores e intenções que estão subjacentes”* (Silva, 1997, p.93). Ainda sobre esta questão refere o mesmo autor que a escolha de determinado modelo pedagógico *“É portanto um processo que exige uma reflexão antes da acção - planeamento – na acção - adequando as propostas das crianças e respondendo a situações imprevistas - e depois da acção - tomando consciência do processo realizado e dos efeitos”*(Silva in Pires,2007, p.71) .

Por consulta ao Projecto Curricular de Sala, o modelo pedagógico que a Educadora Cooperante adoptou foi o da Pedagogia de Projecto. De acordo com a Educadora a pedagogia de projecto é dos modelos curriculares mais frequentes na Educação Pré-Escolar Portuguesa e enquadra-se nos modelos curriculares centrados na criança. As características fundamentais deste modelo são a intencionalidade, a flexibilidade e a originalidade. Este modelo defende que as crianças se desenvolvem e efectuem aprendizagens através da realização de projectos.

Na perspectiva da Educadora Cooperante esta metodologia permite que as crianças desenvolvam valores como a responsabilidade, a colaboração, o respeito, a tolerância; promove um intercâmbio entre o Jardim-de-Infância e a realidade externa à escola (família e comunidade); implica esforço e persistência por parte da criança e estimula o seu espírito crítico, aspectos que a Educadora considera fundamentais promover, estimular e desenvolver durante a sua prática educativa.

Do que observei, e seguindo a linha de Katz e Chard “*o trabalho de projecto enquanto abordagem à educação de infância refere-se em termos gerais a uma forma de ensinar e aprender, mais do que um conjunto específico de técnicas pedagógicas ou sequência fixas de actividades, rotinas ou estratégias. Esta abordagem realça a sensibilidade do educador de infância para reagir às crianças, quer individualmente quer como classe no seu todo. Com base no conhecimento especial que tem das crianças, o educador de infância pode incentivá-las a interagir com as pessoas, os objectos e o meio ambiente de modos que lhes faça sentido. Como forma de aprendizagem, o trabalho de projecto acentua a participação activa das crianças no planeamento, desenvolvimento e avaliação do seu próprio trabalho*”. (Katz & Chard, 1997,p.4 e 5).

A metodologia utilizada pela educadora para avaliar as crianças é a observação directa às brincadeiras e aos trabalhos realizados por elas. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Assim, parte-se da observação como base de planeamento e da avaliação. A observação de cada criança e do grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades e o conhecimento do contexto familiar e do meio em que as crianças vivem são práticas que a educadora tem que compreender para melhor perceber as características das crianças e adequar (diferenciar) o processo educativo às suas necessidades. A avaliação diagnóstica com que se inicia a elaboração do projecto curricular de sala é o ponto de partida, embora a observação contínua e o recurso aos produtos /trabalhos/formas de registo das crianças sejam sempre fundamentais.

A avaliação é efectuada em dois momentos (a meio e no final do ano lectivo) de acordo com uma grelha onde constam os parâmetros presentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; de acordo com os registos realizados pelas crianças, conversas e questionários.

As dinâmicas relacionais estabelecidas entre as crianças podem caracterizar-se pela partilha, amizade, colaboração, etc. As crianças com os adultos têm uma relação de proximidade, afecto, respeito e cumplicidade. Já a equipa educativa relaciona-se de forma cooperativa, ajuda mútua, existe cumplicidade entre os seus membros, empatia, respeito, sendo que todos os seus elementos são responsáveis pelas crianças, independentemente de pertencerem a salas diferentes.

É de salientar que só alguns pais procuram acompanhar o processo educativo dos seus filhos com a observação de trabalhos realizados por estes e levantamento de questões à educadora, no horário de atendimento formal e individualizado, sobre o desenvolvimento dos seus educandos. Neste âmbito, a instituição pretende promover a interacção entre pais e filhos no meio escolar através de realização de pequenas festas.

4.2 - 2ª Fase – Entrada Progressiva na Actuação Prática

“Esta é a fase da prática docente acompanhada, orientada e reflectida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global, em contexto real, que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias a um desempenho consciente, responsável e eficaz.” (Formosinho in Teixeira & Ludovico, 2007, p.57 e 58)

Após a fase de Observação do Contexto Educativo, iniciámos a segunda fase do Estágio. Nesta fase pretendia-se que desempenhássemos algumas de tarefas pontuais seleccionadas em colaboração com a Educadora Cooperante, como por exemplo, participar na recepção das crianças, auxiliarmos as Educadoras e Auxiliares nas rotinas de higiene, na alimentação e na hora da sesta das crianças. Pretendia-se, também, que dinamizássemos algumas actividades pedagógicas. Gradualmente e com o acompanhamento da Educadora Cooperante, iniciámos a integração e aplicação das competências e conhecimentos adquiridos, nas diferentes componentes curriculares do curso, ao contexto prático e real.

De modo a não tornar muito extensa a descrição desta fase do Estágio, abordarei a forma como decorreu o desempenho das tarefas pontuais, na segunda parte deste Relatório. Por agora, debruçar-me-ei sobre a forma como se desenvolveram e dinamizaram as actividades pedagógicas, no âmbito de um projecto que de seguida se apresenta.

4.2.1 Natureza do Projecto

No âmbito da unidade curricular Didáctica do Estudo do Meio, surgiu um projecto que tinha como tema “A Água” e como subtema “O Ciclo da Água”. Como referido anteriormente, pretendia-se que o início na actuação prática fosse efectuado de forma gradual e com a colaboração da Educadora Cooperante. Nesse sentido, de forma a conjugar o projecto da Unidade Curricular com o Projecto Curricular da Sala e o interesse das crianças, decidimos abordar o tema “A Água”. De referir que este projecto foi elaborado pelas seis Estagiárias que se encontravam na Instituição e serviu de base para todas as salas da mesma.

4.2.2 Fundamentação Metodológica

Na fase do Estágio destinada à Observação do Contexto Educativo, foi possível verificar que as crianças nutriam interesse por alguns livros que abordavam o tema da água. Em particular um intitulado “H2O - A água e o Ambiente”, publicado pelas Águas de Coimbra, E.M.

“Uma das predisposições importantes que preocupa os educadores de crianças mais novas é o interesse ou a capacidade de «perder-se» numa actividade ou preocupação exterior.” (Katz & Chard, 1997, p.67).

Aproveitando este interesse das crianças, questionámo-las acerca daquele tema. *“Então o que mais gostam neste livro?”*, *“Sabem de onde vem a água que bebemos?”*, *“E a Chuva?”*. O entusiasmo foi notório, surgiram logo uma quantidade de respostas e perguntas. Foi o momento oportuno para introduzir a temática definida para o projecto da Unidade curricular de Didáctica do Estudo de Meio.

“A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes.” (ME, 1997, p.79)

A temática escolhida insere-se na área do *Conhecimento do Mundo*. Segundo o Projecto *“Metas de Aprendizagem”*, desenvolvido pelo Ministério da Educação¹² esta área *“abarca o início das aprendizagens das diferentes ciências naturais e humanas, no sentido do desenvolvimento de competências essenciais para a estruturação de um pensamento científico cada vez mais elaborado, que permita à criança compreender, interpretar, orientar-se e integrar-se no mundo que a rodeia”*¹³ (ME, 2010, Metas de Aprendizagem).

Segundo as OCEPE, *“A sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o Educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Interrogar-se sobre a realidade, colocar problemas e colocar a sua solução constitui a base do método científico. Também a área do Conhecimento do Mundo deverá permitir o contacto com a atitude e metodologia própria das ciências e fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental.”* (ME, 1997, p.82)

¹² <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/apresentacao/>

¹³ <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/metas/?area=42&level=1>

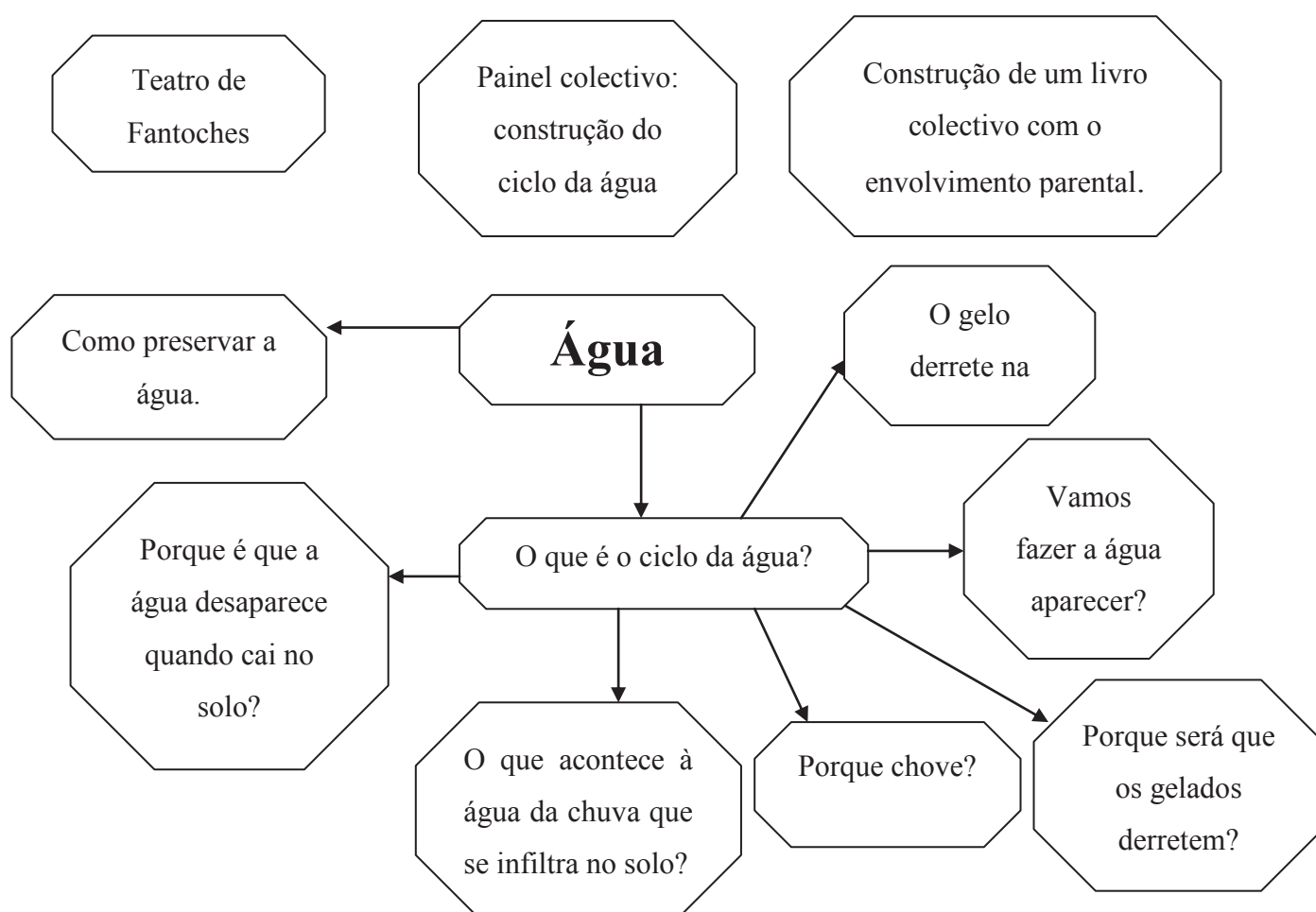
De acordo com as linhas orientadoras das OCEPE “a partir de uma situação ou problema, as crianças terão oportunidade de propor explicações e de confrontar as suas perspectivas da realidade.” (idem.)

4.2.3 Metas a Atingir e Meios Utilizados

Tendo em conta a área de conhecimento e o tema a abordar, definimos como meta principal conseguir que as crianças compreendessem o ciclo da água e a sua importância para a renovação da água no nosso planeta, bem como o significado desta para a vida terrestre.

Deste modo, planificámos um conjunto de actividades, de acordo com os interesses das crianças e elaborámos a teia de acordo com a imagem que se apresenta

Figura III – Teia desenvolvida no âmbito do Projecto “Ciclo da Água”



4.2.4 Planificação e Lançamento do Projecto

De forma a desencadear uma situação/problema, “ O que é o Ciclo da Água”, dramatizámos uma história intitulada “A Gotinha de Água”¹⁴. Para tal, construímos um fantocheiro e as respectivas personagens bem como, com as crianças, um painel com o ciclo da água.

Após a dramatização daquela história, através de diálogo em grande grupo, as crianças começaram a descrever a história. À medida que iam descrevendo, começaram a surgir as perguntas como “*Mas como é que a gota subiu para o céu?*”; “*Como é que as gotinhas se seguram lá em cima?*”; “*Como é que se formam os rios?*”; “*E a neve?*” Através destas questões, considerámos importante realizar um conjunto de experiências que demonstrassem os diferentes estados pelos quais a água passa durante o Ciclo da Água. Como referido no início desta parte do trabalho, este projecto foi elaborado pelas seis Estagiárias que se encontravam na Instituição e serviu de base para cada uma das salas onde cada uma se encontrava. No entanto, cada sala desenvolveu um conjunto das diferentes experiências que de seguida se indicam.

- O que é o Ciclo da Água;
- A água em diferentes estados físicos;
- O gelo derrete na água?/ A água fica em gelo?;
- Vamos fazer a água aparecer?
- Jogo “ As três caras de Água”
- Quais os estados do tempo?/ Que tempo está hoje?
- Porque será que os gelados derretem?
- Porque é que chove?
- Porque é que a água desaparece quando cai no solo?
- O que acontece à água da chuva que se infiltra no solo?
- Como preservar e poupar a água?

¹⁴ <http://www.slideboom.com/presentations/128022/A-hist%C3%B3ria-da-gotinha-de-%C3%A1gua>

Dado o limite do número de páginas deste trabalho, somente apresentarei uma das experiências efectuadas na Sala dos 3 anos, onde efectuei o Estágio.

Experiência 1: O gelo derrete na água?/ A água fica em gelo?

Situação problema: O gelo derrete na água? A água fica em gelo?

População Alvo: crianças de 3 anos

Duração: uma manhã

Objectivos:

- Observar a transformação do cubo de gelo (estado sólido) em água (estado líquido) num copo;
- Observar a transformação da água (estado líquido) em gelo (estado sólido) numa cuvette de gelo;
- Estimular o interesse das crianças;
- Reflectir sobre o observado;
- Dialogar e trocar experiências;

Contexto de exploração: Antes de realizar esta actividade, foram abordados os diferentes conceitos dos estados da água (sólido, líquido e gasoso).

Materiais: um copo de plástico; garrafa de plástico, água em estado líquido, gelo (água em estado sólido), congelador.

Proposta de actividade: Após a explicação dos vários estados da água, reuni as crianças à volta de uma mesa, em forma de semi-círculo. Os materiais foram colocados no topo da mesa. De seguida, coloquei um cubo de gelo num copo com água, e efectuei as seguintes questões às crianças: *“O que acontecerá quando o gelo derreter?” “A água vai transbordar?”*

As crianças observaram que o cubo de gelo se derreteria na água que se encontrava no copo. Depois de observarem esta transformação da água do estado sólido para o líquido, foi tempo de demonstrar o efeito contrário, a passagem do estado líquido para o sólido. Para tal, com a ajuda das crianças, enchi uma cuvette com água que foi colocada no congelador. Deixámos a cuvette no congelador até que a água congelasse. Passado algum tempo, as crianças puderam

observar que a água que colocaram na cuvette se transformou em gelo. De referir que o resultado desta experiência só se pode verificar no dia seguinte.

Sistematização das aprendizagens: Com esta actividade pretendeu-se que as crianças apreendessem e identificassem os vários estados da água e percebessem as transformações do estado líquido para o sólido e vice - versa.

A avaliação dos resultados desta experiência foi efectuada com recurso às tabelas de registo que se encontram em Apêndice a este Trabalho.¹⁵No entanto, sobre a utilização deste tipo de registos será efectuada, na segunda parte deste trabalho, uma análise acerca da sua eficácia e utilidade.

4.2.5 A Ficha 2 G

Outro facto que não podia deixar de considerar nesta fase do Estágio foi a utilização da ficha 2G do SAC, que se encontra em Apêndice a este Relatório¹⁶. Esta Ficha tem como objectivo efectuar uma avaliação geral, com base na análise e reflexão do contexto educativo e do grupo em geral, bem como uma avaliação individual das crianças. Para tal, foi necessário identificar as forças e debilidades da oferta educativa e, em função disso, delinear áreas de trabalho. *“O que é que me preocupa? O que é que me incomoda? O que é que não me satisfaz? O que é que me entristece? O que é que não posso aceitar? O que quero mudar?”* (Portugal & Laevers, 2010, p.82).

Fazendo uma análise do grupo, considerei importante analisar dois aspectos, o aspecto positivo, que deve realçar como evidências de bons níveis de bem-estar e implicação do grupo – “O que está a correr bem?” e o aspecto negativo relativamente às evidências de neutro ou fracos níveis de bem-estar e implicação no grupo. – “O que é preocupante?”

Relativamente à análise do contexto, procurei observar e analisar alguns factores importantes, tais como, a oferta educativa, o clima do grupo, o espaço para iniciativa/autonomia, bem como opiniões das crianças sobre o jardim-de-infância e informações gerais acerca de características da comunidade e família e sobre o Projecto Educativo da Instituição.

¹⁵ Apêndice nº2

¹⁶ Apêndice nº3

No que diz respeito à oferta educativa tentei observar e analisar se o contexto educativo era rico, apelativo e diversificado, apoiando-me na observação de infra-estruturas (organização dos espaços), materiais lúdicos disponíveis e oferta de experiências no decurso do dia. Quanto a este aspecto verifiquei, também, que o ambiente é estimulante. O espaço é amplo e permite que as crianças se movimentem livremente para qualquer sítio, está bem iluminado, em termos de luz natural, tem aquecimento central. A nível da organização, a sala está dividida por vários cantos de lazer e trabalho.

Quanto aos materiais disponíveis, apesar de alguns se encontrarem um pouco usados, estão adequados ao número e idade das crianças. Os materiais são diversificados como diferentes brinquedos, jogos de construção e correspondência, puzzles e outros.

A nível do espaço exterior as crianças tem acesso a uma varanda pertencente à sala, bem como a um parque verde, onde podem brincar livremente e com maior à vontade.

No que concerne ao clima do grupo, procurei observar se as crianças se sentem à vontade no contexto e no grupo, se sentem sentimento de pertença, se o espaço é agradável, interessante e organizado. Por outro lado, tentei perceber a qualidade das relações entre as crianças e os adultos.

Na análise do clima do grupo pude observar que as crianças estabelecem interações positivas, partilhando brincadeiras e respeitando o espaço de cada um. Um factor importante é gostarem de colaborar em todas as tarefas propostas. Apenas algumas crianças têm maior dificuldade em manter interações positivas. Nas relações estabelecidas entre adultos e crianças existia uma manifestação de grande afectividade, havendo retribuição de carícias, tanto por parte das crianças como do adulto.

A nível da organização do espaço e estilo do adulto procurei observar se o plano do dia era acessível e voltado para as crianças, qual o tipo de gestão de tempo, se haviam momentos “ vazios/mortos” e se a orientação e acompanhamento das crianças era adequado.

O plano do dia é gerido sempre pela Educadora Cooperante e, durante o momento da higiene, por vezes, as crianças são chamadas todas em conjunto para ir à casa de banho, gerando-se alguma confusão.

No que diz respeito ao estilo do adulto procurei focalizar a minha observação para a atenção aos sentimentos e necessidades das crianças, qual o tipo de intervenção e se esta é promotora da iniciativa da criança. Neste ponto da ficha 2G do SAC, referi que é sempre a educadora a distribuir as crianças pelas diversas áreas da sala, desvalorizando um pouco a possibilidade de serem aquelas a decidir autónoma e livremente.

4.3 - 3ª Fase – Desenvolvimento das Práticas Pedagógicas

“Planear implica que o Educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização.” (ME 1997, p. 26)

Esta fase do Estágio marcou o início da intervenção directa no processo educativo. Pretendia-se que, enquanto Estagiárias, planificássemos um conjunto de actividades por unidades curriculares e de acordo com o plano de trabalho da Educadora Cooperante. Pretendia-se, igualmente, que fossem colocadas em prática as actividades planificadas e, no final, que efectuássemos uma renovação da actuação de acordo com os dados da avaliação da actuação anterior.

“O planeamento do ambiente educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e também a possibilidade de interagir com outros adultos.” (ME, 1997, p.26).

Uma vez que as actividades que tínhamos de planificar deviam ser de acordo com o plano de trabalho da Educadora Cooperante, começámos por efectuar um levantamento desse plano. As planificações da Educadora Cooperante eram efectuadas mensalmente e assentavam em áreas de conteúdo, estratégias, competências gerais e específicas e recursos. Os temas a abordar, em cada mês, eram decididos em reunião com todas as Educadoras da Instituição. Assim, de forma a possibilitar a nossa intervenção directa no processo educativo, as Educadoras Cooperantes da Instituição reuniram com todas as Estagiárias e, no nosso caso, atendendo à época em que nos encontrávamos, foi sugerido que desenvolvêssemos actividades relacionadas com o tema do Inverno e do Carnaval.

Segundo Zabalza (1987), *“se analisarmos um processo de planificação encontramos sempre:*

- um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuarão como apoio conceptual e de justificação do que se decide;

- um propósito, fim ou meta a alcançar que configura o sentido a seguir;
- uma previsão a respeito do projecto a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento em que se incluem os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e algumas notas para a avaliação.” (Zabalza in Vilar, 1993, p.22).

De acordo com os temas propostos pela Educadora Cooperante, o Carnaval e sobre o Dia do Pai, decidimos planificar algumas actividades em torno dos mesmos, conforme as tabelas de planificações, que se encontram em apêndices a este Relatório¹⁷.

“A planificação em função das actividades é uma planificação dinâmica. Por outras palavras, é uma planificação em que nem tudo está previsto antecipadamente. Daí resulta, portanto, uma planificação aberta, que se vai elaborando, ou seja, que se vai construindo sobre a [e na] própria prática.” (Vilar, 1993,p.54).

Ao optar por um modelo de planificação em função das actividades, em detrimento da planificação em função dos objectivos, teve-se em atenção o defendido por Rosales (1988):

“as limitações que podemos assinalar a um processo de ensino e aprendizagem planificado em função de objectivos centram-se:

- no modelo científico em que o mesmo se fundamenta;
- nas características dos objectivos condutistas que lhe servem de suporte;
- na natureza das taxonomias que servem a planificação e, sobretudo, na forma como elas têm sido utilizadas para a formação de objectivos.”(Rosales in Vilar, 1993,p.53).

Ou seja, optámos por nos afastar de um modelo de planificação que hipervalorizasse os objectivos e a intencionalidade do educador, para nos aproximarmos de um modelo em que as actividades fossem planificadas de acordo com os interesses das crianças. No entanto, não posso deixar de referir que este objectivo estava um pouco condicionado pelo facto de as actividades a planificar terem de ser de acordo com o plano de trabalho da Educadora Cooperante. Mas sobre este facto tecerei algumas considerações na segunda parte deste Relatório.

De seguida, e dado o limite do número de páginas deste trabalho, serão descritas apenas duas das actividades planificadas. Uma relacionada com o tema do Carnaval e outra com o tema do Dia do Pai. As grelhas de planificação destas actividades, bem como de todas as outras, encontram-se em apêndice a este Relatório.¹⁸

¹⁷ Apêndice nº 4

¹⁸ idem

4.3.1 Actividade do dia 23 de Fevereiro de 2011

Neste dia, após a recepção das crianças e a reunião em grande grupo, iniciámos a manhã com a leitura de uma história intitulada “O Palhaço Verde” de forma a introduzir a temática do Carnaval. Aproveitámos também para minimizar algum receio que as crianças tinham da figura do Palhaço. Algumas crianças assustavam-se com aquela figura e chegavam mesmo a chorar mesmo quando o viam, segundo a Educadora Cooperante.

A história falava de um palhaço que tinha o sonho de ser amigo de todas as crianças e que fossem todas felizes e sorridentes. Após terem ouvido atentamente a história, algumas crianças ainda se mostravam um pouco receosas quanto àquela figura. Quando colocámos a pergunta “Gostaram do Palhaço Verde?”, algumas crianças responderam negativamente.

De forma a minimizar aqueles receios, explorámos um pouco mais a história abordando algumas características do palhaço, em especial acerca da forma como aquele se vestia, com cores é que pintava a cara, de que cor era o cabelo, etc. Também abordámos a forma como o palhaço se relacionava com as crianças, fazendo-as rir com as suas brincadeiras. No final desta abordagem verificámos que algumas crianças já haviam perdido algum do receio que manifestavam para com aquela figura uma vez que até já falavam dela com grande entusiasmo.

Antes de darmos início à actividade seguinte, tivemos uma pequena conversa com as crianças acerca da actividade que iríamos desenvolver de seguida.

Após um pequeno intervalo, (momento de brincadeiras livres), as crianças regressaram do espaço exterior, e sentaram-se na mantinha em grande grupo. Dividimo-las em dois grupos e pedimos para se dirigirem às mesas de trabalho.

A actividade foi direccionada para a área da expressão plástica e consistiu na “montagem” e decoração de pequenos palhaços. As crianças picotaram imagens de partes do corpo de um palhaço, fornecidas por nós e, de seguida, efectuaram a colagem das “peças”, construindo e enfeitando o palhaço com diversos materiais decorativos. Foram utilizados materiais recicláveis como pedaços de lã, tampas de garrafas de plástico e pedaços de papel.

As fotografias desta actividade encontram-se em Apêndice¹⁹ deste Trabalho.

¹⁹ Apêndice nº 7

4.3.2 Actividade do dia 10 de Março de 2011

Este dia foi um pouco diferente. Tendo em conta que a Educadora Cooperante não se encontrava na Instituição, devido à alternâncias das férias desta época, foi a primeira vez que eu e a minha colega ficámos sozinhas com o grupo. No início senti-me um pouco expectante em relação à reacção do grupo perante a ausência da Educadora Cooperante.

Habitualmente, antes de entrarem na sala, as crianças vestem os bibes. Nesta altura, eu e a colega de Estágio fomos conversando com elas acerca do comportamento que pretendíamos que tivessem, em especial ao entrar na sala. Pretendíamos que entrassem com calma e se sentassem na mantinha para darmos início ao dia. Infelizmente as regras acordadas não foram cumpridas. A maioria do grupo decidiu entrar a correr pela sala, dirigindo-se para o cantinho das bonecas, desarrumando tudo. A nossa reacção foi esperar que eles se acalmassem e pedir novamente que estes se sentassem na mantinha em silêncio. Após estarem mais calmos, conseguiram ouvir-nos e ficaram em silêncio. Dado o sucedido, achamos por bem falarmos com o grupo acerca do seu comportamento. Em primeiro, começamos por perguntar se tinham respeitado as regras estabelecidas ao início. A resposta não podia ser outra: todos reconheceram que não. Depois perguntámos o porquê de terem ido para o cantinho das bonecas, se solicitamos inicialmente que fossem para a mantinha. O grupo não respondeu. Como forma de compreenderem que não tinha sido correcto o seu comportamento pedimos ao grupo que arrumasse tudo aquilo que haviam desarrumado, em especial o cantinho das bonecas, uma vez que tinha sido este o alvo da desarrumação.

Este episódio permitiu-me perceber algumas das dificuldades que podem surgir quando se trabalha com crianças destas idades. Na minha opinião, o início da conversa, na mantinha, foi um pouco complicada. Considerei que as crianças nos tentaram pôr à prova, testando a nossa reacção perante a ausência da Educadora Cooperante. Responder a este desafio foi muito importante. Pretendia-mos que percebessem que o comportamento que adoptaram não tinha sido correcto mas não queríamos que nos encarassem como sendo austeras ou que tivessem receio de nós. Julgo que no final da conversa conseguimos transmitir o que esperávamos deles e eles conseguiram perceber que, independentemente da Fernanda, a Educadora Cooperante, não estar presente na sala, estávamos nós e que as regras de comportamento eram para se manter.

Após o grupo estar mais calmo conseguimos realizar as rotinas pedagógicas que iniciam o dia, ou seja, a selecção do chefe, a identificação das crianças que não foram à escola naquele dia, a referência da calendarização do dia e, por último, a identificação do estado de tempo.

Como nos encontrávamos muito próximo do “Dia do Pai”, neste dia, começamos por ler uma história intitulada “*O Meu Pai*” de Anthony Brown. Considerámos importante a leitura desta história, pois foi um modo de reforçarmos a importância das relações familiares, bem como o reconhecimento da importância da figura paterna.

Também achámos importante conhecer as opiniões das crianças acerca do porquê de gostarem do seu “Papá”. Deste modo, em grande grupo, fomos perguntando a cada criança, porque é que gostavam do seu “Papá”, registando numa cartolina as suas respostas, para posteriormente afixarmos no placar do hall, de modo, a que os pais pudessem visualizar as concepções que os filhos têm acerca da figura paterna.

De seguida, propusemos às crianças que preparassem uma prenda para o “Dia do Pai”. A prenda seria um porta – lápis com uma moldura. Nessa moldura seria elaborado, pela criança, um desenho sobre o seu pai. As crianças ficaram bastante entusiasmadas com esta ideia e o dia foi ocupado com esta actividade. De referir que todos os materiais, cartolinas, cartões de rolos de papel higiénico e outros foram todos aproveitados da instituição e trazidos de casa pelas crianças. As fotografias desta actividade encontram-se em Apêndice²⁰ deste Trabalho.

²⁰ Apêndice nº 8

4.3.3 A Ficha 3 G

Da mesma forma que considerei importante, na 2ª Fase do Estágio, fazer referência à Ficha 2 G, nesta 3ª Fase, não podia desconsiderar a utilização da Ficha 3 G do SAC, que se encontra em Apêndice a este Relatório²¹.

Concluídas a 1ª e 2ª etapa do método de Avaliação preconizado pelo SAC, respectivamente, a Avaliação Geral do Grupo no que aos Níveis de Bem-Estar e Implicação diz respeito – Ficha 1G e Análise Geral do Grupo e Contexto do grupo – Ficha 2G, apresentadas, respectivamente, na 1ª Fase e 2ª Fase do Estágio, no IV Capítulo deste trabalho, foi tempo reflectir sobre a prática, descobrir novos caminhos e definir objectivos e iniciativas a desenvolver, de forma a melhorar a minha actuação e, através da tomada de medidas concretas de intervenção, melhorar qualitativamente o contexto educativo. Assim, assente em cinco pontos de actuação, considerei que podiam ser melhorados a oferta educativa, o clima de grupo, espaço para a iniciativa, organização e estilo do adulto.

No que à oferta educativa diz respeito, considerei que era possível intervir a nível da organização de alguns espaços da sala. O espaço da leitura, podia ser mais confortável, funcional e melhor iluminado. Nesse sentido, como acções concretas a desenvolver, na medida que os recursos o permitissem, sugeria que este espaço fosse equipado com alguns puf's, mudava este espaço para junto da janela grande da sala de forma a que a iluminação fosse, em grande parte, efectuada através de luz natural.

Outro espaço que considerei que podia ser alvo de uma intervenção, no sentido da melhoria, foi a varanda exterior. Este espaço podia ser objecto de uma intervenção a nível do piso, tornando-o mais seguro. Podiam ser colocados à disposição das crianças mais materiais, como embalagens e caixas variadas, objectos do quotidiano, como por exemplo um rádio ou televisão avariados, utensílios de cozinha como panelas velhas, etc.

“A introdução de novos materiais nem sempre implica gasto de muito dinheiro. Um efeito colateral que estas iniciativas produzem é o maior envolvimento das famílias na vida do jardim – de – infância.” (Gabriela & Leavers, 2010, p.107).

Outro ponto que considerei que podia ser objecto de melhoria foi o clima de grupo. Considerei importante privilegiar a proximidade e escuta atenta das crianças, diminuir os conflitos e aumentar o cumprimento de algumas regras. Para isso decidi ir ao encontro dos interesses das crianças, ouvir as suas opiniões das crianças, promover a reflexão acerca dos

²¹ Apêndice nº 5

comportamentos indesejados e ajudá-las a compreender a importância do cumprimento de regras.

O espaço para a iniciativa foi, também, algo que considerei que podia ser objecto de melhoria. Pretendia incentivar o espírito criativo e o acto de partilha, relativamente a algumas crianças que tinham algumas dificuldades neste campo. Decidi então dar oportunidade às crianças de escolherem o seu projecto individual, dar a liberdade de escolher o que fazer e quando.

Outros dois aspectos que considerei poderem ser objecto de melhoria, foi a organização e o estilo do adulto. Quanto ao primeiro, observei que, nos momentos destinados à de higiene havia alguma confusão e desordem. Neste sentido, uma mudança que podia ser efectuada era dividir o grande grupo em pequenos grupos e chamar as crianças individualmente. Esta iniciativa, proporcionaria menor confusão e o próprio acto de higiene era apreendido como algo indispensável.

O quinto e último ponto, provavelmente o mais importante, uma vez que estava directamente relacionado com a minha actuação, foi o do estilo do adulto, ou seja, considerei que seria possível melhorar a minha actuação com as crianças dando ênfase a comportamentos positivos e tentando explicar como se resolvem os problemas, mas, sem dar soluções. As medidas a tomar para atingir aqueles objectivos passaram por dar maior importância ao sucesso das crianças, quando estas conseguem realizar uma actividade com êxito e permitir que elas descobrissem, por si próprias, a resolução de problemas e percebessem que podem existir várias soluções para o mesmo problema.

Esta última etapa do SAC, foi de extrema importância uma vez que me permitiu reflectir acerca de alguns aspectos que estão directamente relacionados com a qualidade da prática educativa. Identificando os pontos mais “fracos” podemos tomar medidas para os melhorar. Penso que é um excelente instrumento de avaliação, da prática educativa no seu todo e da nossa actuação enquanto educadoras. Exige que reconheçamos, não só o que pode ser objecto de melhoria, mas, também, que proponhamos medidas para atingir essa melhoria, no sentido de aumentar a qualidade educativa.

4.4 - 4ª Fase – Implementação e Desenvolvimento do Projecto Pedagógico

A fase de Implementação e Desenvolvimento do Projecto Pedagógico foi a 4ª, e última, fase do Estágio Curricular. Teve a duração de 6 semanas e decorreu entre o dia 27 de Abril e o dia 03 de Junho de 2011, último dia do Estágio.

O objectivo principal desta fase era implementar e desenvolver um projecto pedagógico, geri-lo integralmente desde a sua planificação até à sua implementação e avaliação.

Esse projecto foi desenvolvido pelas duas estagiárias da sala e de acordo com a prática pedagógica da instituição. Aproveitando o contexto físico em que a Instituição está inserida e, uma vez que a grande maioria das crianças demonstravam alguns receios quanto à ida ao médico decidimos escolher o tema “Hospital Sem Medos”. Pretendeu-se, em especial, reduzir eventuais receios com a ida ao médico e dar a conhecer as diferentes profissões relacionadas com aquela área. Pretendíamos, igualmente, envolver a participação das famílias e da comunidade tendo como ponto de partida a importância do contributo destas nas aprendizagens das crianças.

De seguida será apresentada a metodologia utilizada no desenvolvimento do projecto, a sua importância e pertinência, objectivos que se pretendeu atingir, bem como as fases em que organizou o seu desenvolvimento.

4.4.1 Fundamentação Metodológica

O Projecto “Hospital Sem Medos” foi desenvolvido através da pedagogia de projecto.

A nossa escolha recaiu sobre esta pedagogia porque, por um lado, ela atribui um papel activo à criança, por outro lado, permite dar resposta às suas curiosidades, incentivando-a a pesquisar, a descobrir e a aprender por si própria.

A Pedagogia de Projecto na Educação Pré-Escolar define - se como *“um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo. Poderá prolongar - se por um período de dias ou semanas, dependendo da idade das crianças e da natureza do tópico. Ao contrário da brincadeira espontânea, os projectos envolvem as crianças num planeamento avançado e em várias actividades que requerem a manutenção de esforços durante vários dias ou semanas”* (Katz & Chard, 1997, p.3-4).

“A metodologia de projecto implica uma construção progressiva, uma vez que o projecto se vai construindo ao longo do tempo permitindo assim uma grande flexibilidade, pois a sua evolução pode não ter dado às crianças uma maior flexibilidade de conteúdos.” (ME, 1997).

Esta pedagogia tem *“em linha de conta a aquisição de conhecimentos, capacidades, predisposições e sentimentos; pode proporcionar situações de aprendizagem, nas quais possam ocorrer interações e conversações enriquecidas a nível do contexto e conteúdo relacionadas com assuntos que são familiares às crianças; pode proporcionar actividades nas quais as crianças de níveis de capacidades diferentes possam contribuir para o decurso da vida e trabalho de grupo; pode também proporcionar o trabalho em conjunto podendo criar situações e acontecimentos, nos quais as capacidades sociais são funcionais e podem ser intensificadas”* (Katz & Chard, 1997, p. 105).

Trata - se de um modelo que adopta uma pedagogia aberta e flexível que tem por base os interesses das crianças. Partindo da realidade social que se vive no contexto do jardim-de-infância surgem os problemas concretos que vão dar origem a inúmeras actividades. O plano de acção a desenvolver, para resolver o problema que surgiu, é elaborado pelas crianças e pela educadora. Desta forma, o nosso Projecto e as actividades realizadas partiram desde sempre das dúvidas e sugestões do grupo, de forma a serem abordados temas do interesse das crianças, suscitando-lhes uma maior motivação.

De acordo com Katz e Chard (1997), uma vez que este modelo parte dos interesses das crianças, ou seja, do seu desejo de aprender e aprofundar as suas experiências, pode levar à construção de um currículo adequado ao desenvolvimento das crianças.

4.4.2 Importância e Pertinência do Projecto

“Se o contexto imediato de educação pré-escolar é fonte de aprendizagens relativas ao conhecimento do mundo, este supõe também uma referência ao que existe e acontece no exterior, que é reflectido e organizado no jardim-de-infância ” (ME, 1997).

A temática “Hospital Sem Medos” procurou familiarizar as crianças com os serviços de saúde, assim como ajudar as crianças, num período de não doença, a perderem o medo do ambiente hospitalar, dos profissionais de saúde, dos instrumentos e das técnicas médicas, de uma forma dinâmica.

Esta temática é importante, pois a ida ao médico para a criança pode converter-se num pesadelo, para os pais e para os profissionais. A consulta do médico pode ser traumática para a criança. A criança tem que ser despida, pesada, medida, sujeita a diversas provas: o frio ou o calor, as palpações, o contacto do estetoscópio, observação da garganta... A primeira reacção que a criança apresenta perante o medo é, frequentemente, o choro. Este pode iniciar-se no momento em que a mãe começa a despir e termina apenas quando termina a consulta, e a criança se encontra protegida nos braços da mãe.

4.4.3 Objectivos do Projecto

Os objectivos deste projecto eram promover a aquisição de competências essenciais ao desenvolvimento geral das crianças nas diferentes áreas de conteúdo; diminuir o receio da ida ao médico; dar a conhecer os diferentes profissionais na área da saúde (enfermeiro, médico, auxiliar, cirurgião, entre outros) e diferentes instrumentos e técnicas médicas; dar a conhecer às crianças os serviços que compõem a área hospitalar (portaria, lavandaria, urgências, central térmica, oficinas, etc.) e dar a conhecer às crianças os vários meios de socorro e materiais, através da ida ao Quartel dos Bombeiros.

4.4.4 Fases do Projecto

Como referido anteriormente o projecto “ Hospital Sem Medos desenvolveu-se em quatro fases: na 1ª fase definiu-se o problema, na 2ª fase efectuou-se a planificação e lançamento do projecto, a 3ª fase foi a de execução do projecto e a 4ª fase destinou-se à avaliação e divulgação do mesmo.

De seguida serão apresentadas em pormenor essas fases.

1ª fase - Definição do Problema

“ Um projecto pode começar de várias formas. Alguns começam quando uma ou mais crianças de um grupo demonstram interesse por algo que atrai a sua atenção. Outros começam quando o professor apresenta um tópico ou chega a acordo com as crianças sobre a selecção de um tópico.” (Katz & Chard, 1997, p. 172)

O nosso Projecto foi lançado com as crianças na sala de actividades. Colocámos, previamente, na sala, um boneco que era frequentemente utilizado pelas crianças quando brincavam na área da casinha. Só que, desta vez, o boneco ia aparecer no meio da sala com algumas partes do seu corpo envoltas em ligaduras e com alguns pensos.

As crianças ao entrarem na sala, depararam-se com o boneco naquele estado. Foi o elemento promotor da curiosidade imediata das crianças.

Em diálogo com o grupo, desencadeámos uma situação/problema: *“o que é aconteceu ao boneco durante a noite para se encontrar neste estado? Magoou-se? Será que se magoou ao brincar com os amigos? Está ferido?”*

Segundo Katz e Chard (1997), é importante *“estabelecer uma base comum entre os participantes, partilhando informações, ideias e experiências que as crianças já têm acerca do tópico”* (Katz & Chard, 1997, p. 172).

A partir daquele diálogo, os interesses e curiosidades das crianças foram surgindo naturalmente. Cada uma ia acrescentando uma ideia que dava origem a um tópico, contribuindo desta forma para a construção da teia/rede. Nessa teia ficaram representados os

interesses das crianças surgidos da problemática inicial. Os tópicos a abordar foram seleccionados pelas crianças durante um momento de diálogo.

No desenvolvimento da metodologia do projecto o educador tem como função auxiliar e estimular a aprendizagem activa da criança, desempenhando um papel imprescindível como mentor do diálogo/discussão, assegurando a participação de todas as crianças do grupo.

Esta atitude do educador promove na criança a responsabilidade de conduzir a sua própria aprendizagem. Segundo Hohmann e Weikart *“Ao desempenhar este papel, os adultos não só são activos e participantes, mas igualmente observadores e reflexivos; sendo observadores – participantes conscientes”* (Hohmann & Weikart, 1997, p. 27).

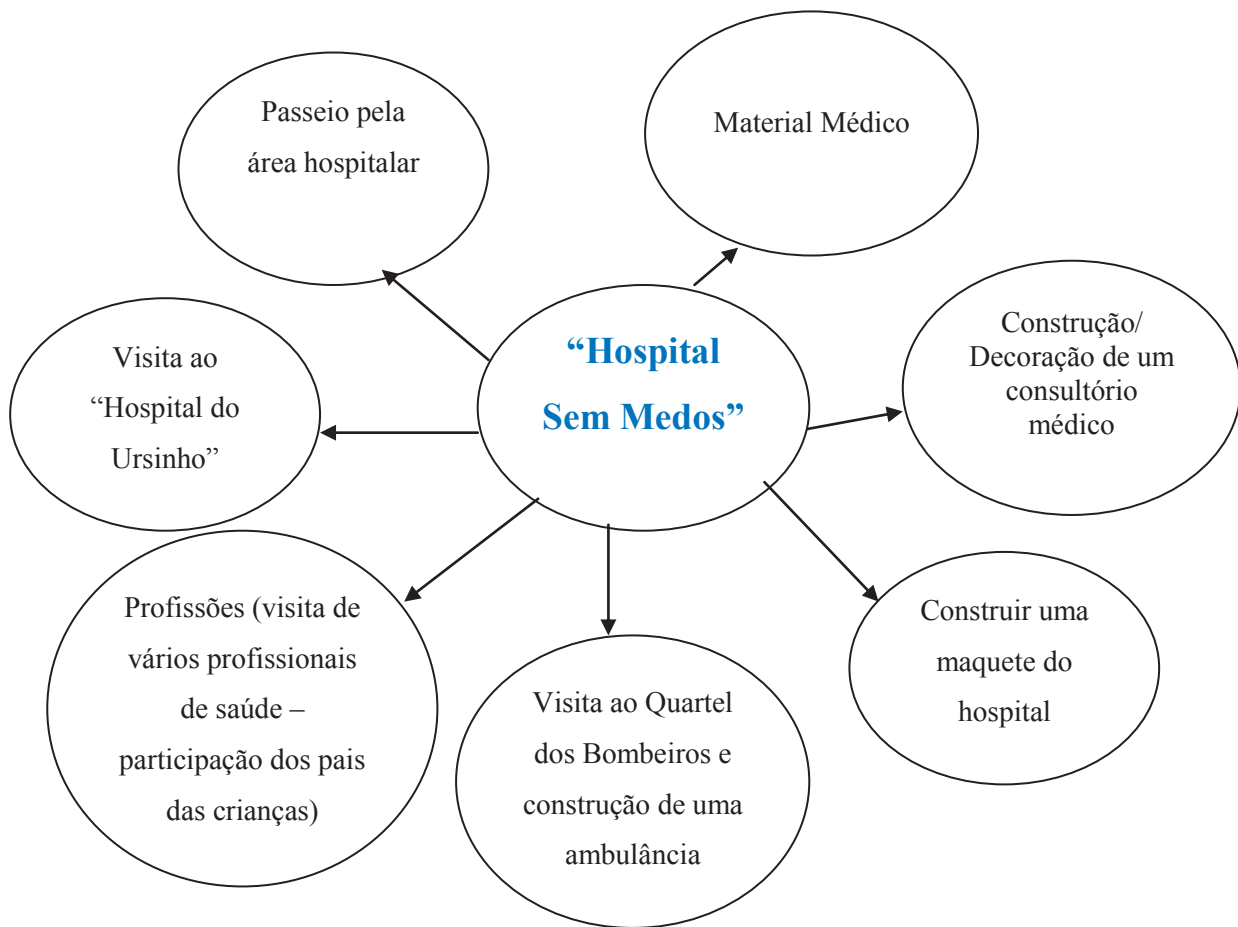
2ª fase – Planificação e Lançamento do Projecto

“Uma rede é o levantamento das ideias e conceitos - chave que um tópico que um tópico engloba, e de alguns dos subtemas principais com ele relacionados” (Katz & Chard, 1997, p. 181)

A planificação inerente a todo o projecto foi realizada na teia. As crianças desenharam um hospital. A partir deste grafismo, fomos construído a teia com base nos tópicos que as crianças iam indicando. A teia foi-se desenvolvendo ao longo de todo o projecto, aumentando à medida que surgiam novos interesses ou tópicos que as crianças gostariam de abordar.

A teia foi exposta no corredor exterior à sala de actividades para que pudesse estar visível para o grupo e para os pais, permitindo desta forma que todos tivessem uma noção mais exacta de como estava a ser desenrolado todo o processo inerente ao projecto. No final resultou a teia representada na Imagem IV.

Figura IV – Teia Final do Projecto “Hospital Sem Medos”



3ª fase – Execução do Projecto

“Na fase de execução as crianças partem para o processo de pesquisa através da realização de experiencias directas (...) pesquisa documental (...) seleccionam e organizam informação (...) afixam informações relevantes” (ME, 1998, p. 142).

A implementação do projecto teve como objectivos trabalhar, com as crianças, atitudes e competências, a familiarizá-las com a temática da saúde, promover a partilha de ideias e saberes e estimular a cooperação e entreajuda. *“Enquanto discutem e investigam, as crianças adquirem informações e conceitos novos. (...) Aprendem com as outras crianças alguns componentes novos e acontecimentos que lhes são familiares”* (Katz & Chard, 1997, p.154).

Nesta terceira fase, pretendia-se que as crianças realizassem tarefas tendo como ponto de partida os seus interesses, dando início ao processo de pesquisa e organização de informação. Pretendia-se trabalhar com as crianças atitudes e competências tendo o educador a função de as orientar e auxiliar nas suas decisões. Para isso, o educador deve colocar ao dispor do grupo uma vasta variedade de materiais, organizando a sala de forma estratégica para que as crianças possam tirar maior partido do espaço para realizarem o trabalho.

Durante o desenvolvimento do projecto tivemos como finalidade promover o trabalho em grupo. Segundo as OCEPE (1997) *“torna - se importante o trabalho entre pares e pequenos grupos”* (ME, 1997, p.35) porque permite às crianças assumirem uma atitude reflexiva, durante a qual partilham experiências e ideias, desenvolvem competências de cooperação e entreajuda, enriquecendo desta forma as suas aprendizagens.

Tendo como fim proporcionar a todas as crianças um acompanhamento mais individualizado e facilitador de aprendizagem, adoptamos o sistema de rotatividade entre espaço, e como tal as próprias crianças é que se dividiam em pequenos grupos, pelos diversos espaços da sala (espaços como: a casinha das bonecas, o dos jogos de mesa, o das mesas de actividades, o do consultório médico, entre outros).

No que aos recursos diz respeito, à medida que o projecto se ia desenvolvendo, ou seja, sempre que surgia um novo interesse por parte das crianças, nós Estagiárias, após questionarmos acerca dos materiais que pretendiam utilizar, efectuávamos um levantamento dos recursos necessários para colocar em prática esse interesse.

De seguida apresentam-se algumas das actividades desenvolvidas a partir dos interesses das crianças, revelados ao longo da elaboração da teia de conhecimentos:

- Momento de conversa na maninha com as crianças (início do projecto “Hospital Sem Medos”);
- Construção da teia (elaborada a partir do interesse das crianças);
- Jogo das “Profissões”;
- Visita ao “Hospital do Ursinho” (C.C. Dolce Vita);
- Momento de conversa na maninha com as crianças sobre a ida ao Hospital do Ursinho;
- Exploração do livro “Médico por um dia”;
- Pintura de um cartaz colectivo de dois grandes ursinhos doentes;
- Realização de desenhos alusivos ao Hospital/material médico para decoração da tenda do consultório do médico;
- Visita de uma enfermeira à sala (mãe de uma das crianças), no âmbito das profissões do hospital;
- Visita de um médico à sala, no âmbito das profissões do hospital;
- Construção da maquete de um hospital;
- Construção e decoração do consultório médico;
- História “Camila vai ao Médico”;
- Visita de um cozinheiro à sala (pai de uma das crianças), no âmbito das profissões do hospital;
- Construção de um computador para o consultório médico;
- Exploração do livro de imagens “Vamos ao Pediatra”;
- Visita de um motorista de ligeiros, de uma auxiliar de alimentação e de uma assistente operacional à sala (pais de algumas das crianças), no âmbito das profissões do hospital;
- Visita ao Quartel dos Bombeiros (Bombeiros Sapadores de Coimbra);
- Visita de um técnico de electromedicina à sala (pai de uma das crianças), no âmbito das profissões do hospital;
- Construção e decoração de uma ambulância;
- Avaliação final do projecto com as crianças;
- Divulgação do projecto à comunidade educativa e aos pais das crianças (realização de uma exposição apresentada pelas próprias crianças;

4ª fase – Avaliação/Divulgação do Projecto

“No trabalho de projecto, as crianças são incentivadas a avaliar o seu próprio progresso na aplicação de capacidades, a controlar a sua actividade e a seleccionar tarefas que elas próprias possam orientar. As crianças tornam - se especialistas da sua própria aprendizagem. O professor dá sugestões, mas as crianças podem ser autorizadas a recusa-las e a julgar por elas próprias”

(Katz & Chard, 1997, p.27).

A avaliação do projecto efectuou-se na fase final do mesmo. Teve como finalidade avaliar as aprendizagens adquiridas pelo grupo ao longo de todo o projecto. Permitiu-nos, também, reflectir acerca das capacidades, técnicas, estratégias e processos de exploração que as crianças utilizaram. De forma a avaliarmos o progresso individual de cada uma das crianças, utilizámos dois métodos de avaliação. Um consistiu na análise da evolução dos diferentes trabalhos de cada criança ao longo do projecto. Este método permitiu-nos ficar a saber quais as crianças que necessitavam de maior ajuda e quais as que de certa forma eram mais autónomas, criativas. O outro método de avaliação foi utilizado no final do projecto. Para o efeito, em grande grupo, foram discutidos os vários acontecimentos especiais bem como as realizações de grupo e individuais. Também desenvolvemos um registo simples das várias actividades realizadas ao longo do projecto. Para o efeito, recorremos a uma cartolina onde foram registadas algumas das actividades desenvolvidas. As crianças assinalavam, com um “smile” (expressão contente/triste), aquelas que mais gostaram e as que menos gostaram. Desta forma, foi-nos possível concluir que, no geral, as crianças se sentiram motivadas e entusiasmadas com a maioria das actividades, uma vez que a matriz foi praticamente preenchida com “smille’s” com a expressão contente.

Divulgação

“Ao divulgar o seu trabalho, a criança tem que fazer a síntese da informação adquirida para tornar apresentável aos outros. Mas tem, também, que socializar os seus novos conhecimentos, o seu saber, tornando-o útil aos outros” (ME, 1998, p.143).

O projecto foi divulgado à comunidade educativa no penúltimo dia de estágio, através de uma exposição. Para o efeito elaborámos convites para as crianças e para os pais das mesmas.

A exposição consistiu em demonstrar todo o trabalho realizado pelas crianças ao longo do projecto num dos halls da instituição e teve por base a apresentação da teia, o consultório médico, a maquete do hospital, a ambulância e um álbum de fotografias dos vários momentos do projecto.

Neste dia, as crianças que apresentaram a exposição utilizando vestuário médico para simbolizar a temática do projecto.

PARTE II

Capítulo V

1. Análise e Reflexão das Experiências Educativas

“ A Prática Pedagógica, enquanto primeiro grande momento de contacto com a realidade educativa dos alunos em formação, deverá proporcionar-lhes experiências que lhes permitam reflectir sobre as suas práticas, tornando-se capazes de analisar as suas acções, decisões e sucessos/insucessos e, deste modo, constituir-se num instrumento de desenvolvimento profissional”

(Quintans 1997, p. 124)

A primeira parte deste Relatório foi reservada à descrição das fases do Estágio Final do Mestrado em Educação Pré – Escolar. Os quatro capítulos que a compõem, foram dedicados ao Enquadramento da Educação Pré - Escolar, à Caracterização da Instituição onde se realizou o Estágio, seu Projecto Educativo e fundamentação do mesmo. Naquela parte do trabalho, com revisão da literatura, descrevi as quatro fases que compuseram o Estágio.

A segunda e última parte deste Relatório será dedicada à Análise e Reflexão das Experiências Educativas do Estágio Final. De forma resumida, efectuarei uma análise das experiências que considere mais importantes durante os sete meses que decorreu o Estágio.

A realização do Estágio curricular proporcionou-me um leque de experiências enriquecedoras e gratificantes que vêm completar parte da formação obtida ao longo do meu percurso académico. Permitiu, igualmente, questionar-me sobre quais as modalidades de trabalho que melhor se ajustariam ao grupo de crianças que encontrei, bem como reflectir acerca das práticas educativas executadas.

A este propósito, e sobre o papel dos Educadores enquanto agentes de mudança defendem Teixeira e Ludovico que *“Na verdade torna-se cada vez mais pertinente uma permanente atitude de reflexão crítica e de investigação – acção sobre a sua prática, na certeza de que não poderão ser meros consumidores de um currículo, mas terão, necessariamente, de procurar encontrar estratégias que possam promover a inovação educativa...”* (Teixeira & Ludovico, 2007, p.44)

Um dos aspectos que considerei bastante importante nesta primeira fase do Estágio foi a forma como fomos recebidas na Instituição. No primeiro dia de Estágio, a Educadora Cooperante apresentou-nos a estrutura organizacional da Instituição, a equipa docente, os funcionários, as crianças e as salas. Esta apresentação facilitou o nosso processo de integração na Instituição uma vez que, este primeiro contacto permitiu-nos situar no “espaço”, conhecer tudo o que estava ao nosso alcance e o que podíamos utilizar. Na minha opinião, esta estratégia adoptada pela Educadora Cooperante reduziu alguns dos receios e ansiedades que existiam nos momentos anteriores ao início do Estágio. A entrada no novo ambiente institucional, bem como o novo paradigma de aprendizagem, a passagem da teoria à prática, era um dos receios que tinha antes do início do Estágio. Com esta recepção fiquei com a impressão que qualquer receio ou dúvida que surgisse podia contar com o apoio e colaboração da Educadora Cooperante. Foi importante este sentimento uma vez que me transmitiu maior segurança e reduziu a ansiedade inerente à nova integração institucional.

Como referido na primeira parte deste trabalho, no Capítulo IV, a primeira fase do Estágio tinha como objectivo principal observar a organização do ambiente educativo da Instituição no que diz respeito ao grupo de crianças, ao espaço físico da Instituição, ao tempo destinado às rotinas diárias e às actividades realizadas pela Educadora Cooperante com as crianças. Pretendia-se, também, observar o meio institucional, a relação com os pais e os parceiros educativos, bem como a prática pedagógica da Educadora Cooperante, a interacção estabelecida entre esta e as crianças e seus pais.

Segundo Teixeira e Ludovico *“Observar cada criança e o grupo em geral é uma prática necessária para conhecer as capacidades, interesses e dificuldades das crianças, de modo a adequar o processo educativo às suas necessidades numa perspectiva de diferenciação pedagógica. A observação constitui, na Educação Pré-Escolar, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo.”* (Teixeira & Ludovico, 2007, p.47)

Totalmente de acordo com o que defendem aqueles autores, considerei importante esta fase de Observação do Contexto Educativo, uma vez que me permitiu conhecer melhor o grupo e cada criança em particular, bem como observar a metodologia utilizada pela Educadora Cooperante. Permitiu-me, igualmente, observar a relação das crianças com a Educadora Cooperante e com as auxiliares de Acção Educativa, bem como as interacções com os seus pais e a envolvência destes no processo educativo dos seus filhos.

Relativamente ao grupo de crianças e à sua caracterização, a utilização da Ficha 1G do SAC, como instrumento de avaliação dos níveis de Bem - Estar e Implicação das crianças, possibilitou-me conhecer melhor o grupo de crianças, quer no geral, quer individualmente. Como referido na primeira parte deste trabalho, o SAC foi-nos apresentado no âmbito da Unidade Curricular Prática Educativa e a utilização daquela Ficha é o exemplo da forma como podemos, nesta área, articular o conhecimento teórico à prática.

Uma vez que se pretendia que a nossa intervenção com as crianças fosse efectuada de forma progressiva, possibilitando-nos momentos de observação e proporcionando-nos momentos de segurança para, posteriormente, começarmos a interagir lentamente, a utilização daquela abordagem, assente nas dimensões Bem-Estar e Implicação, permitiu-nos perceber atempadamente quais as crianças em risco de desenvolvimento, ou com maiores dificuldades de aprendizagem, bem como a qualidade do contexto educativo. Ao mesmo tempo o conhecimento daquela realidade permitiu-nos reflectir acerca das práticas pedagógicas que podíamos, ou devíamos, utilizar quando fosse tempo de interagir com as crianças.

Numa análise geral, esta experiência educativa permitiu-me perceber o quão complexo é o contexto onde irá ser desenvolvida a nossa profissão de Educadores de Infância. O conjunto de variáveis, bem como a responsabilidade inerente a esse exercício, são factores que despertam o sentido de missão e compromisso a que nos propomos quando começamos a perceber qual o papel que o Educador tem na formação dos indivíduos. E este sentimento foi despertado logo neste primeiro contacto com a realidade profissional.

Após as cinco semanas destinadas à Observação do Contexto Educativo, foi tempo para darmos início à segunda fase do Estágio, a Entrada Progressiva na Actuação Prática. Na primeira parte deste trabalho, no Capítulo IV, referi que o objectivo desta fase era que desempenhássemos algumas tarefas pontuais seleccionadas em colaboração com a Educadora Cooperante, como por exemplo, participar na recepção das crianças, auxiliarmos as Educadoras e Auxiliares nas rotinas de higiene, na alimentação e na hora da sesta das crianças. Pretendia-se, também, que dinamizássemos algumas actividades pedagógicas. Nesse sentido, agora, irei analisar e reflectir sobre a forma como decorreu esta experiência educativa.

Uma das formas de iniciar a entrada progressiva na Actuação Prática foi participarmos nas actividades que faziam parte do quotidiano das crianças. *“Organizar o quotidiano das crianças na Escola Infantil, pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de actividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades”*. (Barbosa & Horn, 2001, p. 67). Assim, foi-nos possibilitado participar nas actividades de rotina, tais como, o acolhimento, a conversa na manta, a eleição do chefe, o preenchimento do “quadro de presenças” e o preenchimento da tabela do tempo. Estas actividades tinham alguns objectivos específicos, nomeadamente, a criança ser capaz de ouvir, de se sentar em grupo, de comunicar em grupo, e ser capaz de partilhar novas experiências e descobertas. *“Diversos tipos de actividades envolvem os dias das crianças e dos adultos no Jardim-de-Infância. Todos esses momentos devem desenvolver experiências múltiplas, sejam elas actividades de rotinas ou livres”*. (Barbosa & Horn, 2001, p. 68).

Uma das actividades que considerei ser importante foi a da eleição do chefe. Denotava-se que a criança eleita para esta actividade mostrava-se bastante confiante perante a responsabilidade que tinha de assumir. O facto de ter que preencher as tabelas do tempo, do comportamento, dar o exemplo relativamente ao seu comportamento, comandar o “comboio”, e chamar a atenção aos outros colegas para arrumarem os cantos da sala, transmitia-lhes o sentido de pertença, de reconhecimento no grupo e de responsabilidade. *“Educar para a cidadania será, antes de mais, ensinar a ser responsável”*. (Resende & Soares, 2002, p.38).

Constatei também que no momento de conversa na manta, quando era para contar as novidades ou falar de determinado assunto, as crianças participavam activamente, no entanto, algumas, eram um pouco atrevidas e nem sempre respeitavam os colegas enquanto estes falavam. Apesar de muitas das conversas serem iniciadas por nós, na maioria das vezes eram elas que “ofereciam” novas ideias e temas de conversa. *“ Participar no tempo em grande grupo dá às crianças e aos adultos a oportunidade de trabalharem juntas, gostar de estar em conjunto e construírem um reportório de experiências em comum.”* (Hohmann & Weikart, 1997, p.231).

Na Higiene Pessoal o grupo era bastante autónomo na medida em que as crianças eram capazes de desempenhar, sozinhas, as tarefas de lavar e secar as mãos, bem como colocarem o papel usado para a limpeza das mãos no lixo. No entanto, este era um momento em que se

gerava alguma confusão na casa de banho uma vez que a maioria das crianças não respeitava a sua vez para fazer as necessidades. Relativamente ao almoço/lanche as crianças já eram capazes de comer sozinhas e usar adequadamente os talheres. Estes eram, igualmente, momentos de convívio entre as crianças.

Nos momentos que antecediavam a sesta, em particular aqueles em que as crianças tinham de descalçar os sapatos, verifiquei que nem todas conseguiram fazer sozinhas, solicitando sempre a ajuda da Educadora Cooperante, esta dificuldade verificava-se, também, quando acordavam e tinham de se calçar. Outra constatação foi que, no momento da sesta, algumas crianças tinham dificuldades em manter-se em silêncio e nem sempre conseguiam respeitar os outros, no entanto grande parte das crianças conseguiam adormecer sozinhas.

Para além da participação naquelas actividades, como referido anteriormente, nesta fase do Estágio, pretendia-se que dinamizássemos algumas actividades pedagógicas. De forma a não tornar esta parte do Relatório demasiado extensa, analisarei, agora, a forma como se desenvolveu o projecto Ciclo da Água. A natureza desse projecto, sua fundamentação metodológica, as metas a atingir e os meios utilizados no mesmo, bem como a sua planificação e lançamento já foram abordados na primeira parte deste trabalho, no Capítulo IV.

De um modo geral penso que o projecto sobre o Ciclo da Água correu bastante bem. Apesar do tema ser bastante amplo e complexo, para crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, a forma como o apresentámos facilitou a compreensão do mesmo.

A dramatização tinha como objectivo expor o tema de uma forma lúdica. *“No jogo dramático no contexto de um projecto, as crianças negociam e aperfeiçoam a sua compreensão crescente através da troca de opiniões com outras crianças e com o professor.”* (Katz & Chard, 1997, p.177). No entanto, percebi que, mesmo com a apresentação lúdica da história, as crianças da minha sala tiveram alguma dificuldade em perceber o que estava em questão. Esta conclusão advém do facto de, quando nos dirigimos para a nossa sala, e começámos a questionar as crianças sobre o que tinham observado, estas não deram respostas claras sobre o tema. De forma a aclarar melhor as ideias, decidimos recapitular a história. À medida que íamos avançando, desta vez mais lentamente, verificámos que alguns pormenores ficaram esclarecidos. Esta dificuldade era previsível, tendo em conta a complexidade do tema e a idade das crianças da nossa sala. No entanto, tendo em conta a opinião das colegas das outras salas, cujas crianças têm idades superiores, considero que de uma forma geral esta actividade atingiu os objectivos que pretendíamos.

Quanto às actividades desenvolvidas ao longo do projecto, de um modo geral correram bem. As reacções das crianças a este tipo de actividades foram bastante positivas a ver pelo entusiasmo que as mesmas demonstraram. No entanto, também foi possível verificar que algumas crianças demonstraram mais dificuldades do que outras. Essas dificuldades prendiam-se, em particular com a realização de algumas tarefas, pelo que tivemos que auxiliar e dar uma maior atenção a essas crianças.

Após a realização das experiências, inseridas no projecto, inicialmente, optámos por um tipo de registo que se baseava em algumas perguntas efectuadas às crianças, conforme se encontra nos Apêndices deste Relatório²². O objectivo destes registos era avaliar os conhecimentos prévios e os adquiridos acerca do tema. Quando apresentámos este projecto na aula de Didáctica do Estudo do Meio, após algumas considerações tecidas pelas Docentes relativamente ao mesmo, pude aprender algo que no futuro me permitirá desenvolver projectos semelhantes mas com uma diferença no que às fichas de registo diz respeito. Pude perceber que as mesmas devem ser preenchidas pelas crianças, através de grafismos, ou seja, no âmbito de uma actividade, quando se coloca uma questão à criança, devemos incentivar a mesma a efectuar o registo daquilo que pensa ser o resultado antes do observado e depois do observado. *“O registo de observações através de desenhos, da escrita e de cálculos permite às crianças reflectirem sobre a aprendizagem que a observação envolve”* (Katz & Chard, 1997, p.234). Deste modo, de forma a facilitar a aprendizagem da criança e permitir obter melhores conclusões acerca do nível de compreensão de cada uma, elaborei um novo modelo de ficha de registo, conforme Apêndice deste trabalho²³, de acordo com o que se considera ser mais correcto, e que, com as necessárias adaptações, seja aplicável em futuras actividades. Este foi um dos aspectos que considerei bastante positivo uma vez que me permitiu reflectir sobre as práticas pedagógicas a adoptar de forma a melhorar a qualidade das aprendizagens. Igualmente positivo foi o trabalho de equipa desenvolvido ao longo deste projecto.

Posso afirmar que esta fase do Estágio, pelo facto de ter permitido estabelecer um contacto mais próximo e permanente com as crianças, encorajou-me, ainda mais, para a profissão de Educadora de Infância. O aumento da percepção do sentido social da profissão foi um factor de motivação para as fases seguintes.

²² Apêndice nº 2

²³ Apêndice nº 6

A terceira fase do Estágio, Desenvolvimento das Práticas Pedagógicas, também foi importante do ponto de vista das experiências educativas. Esta fase tinha como objectivo a planificação de um conjunto de actividades por unidades curriculares, de acordo com o plano de trabalho da Educadora Cooperante. Pretendia-se, igualmente, que colocássemos em prática algumas das actividades planificadas. Assim, relativamente a esta fase, considerei importante, em termos de experiências educativas, destacar dois pontos: as condicionantes que estiveram na sua base das planificações das actividades e a utilização, nesta fase do Estágio, da Ficha 3 G.

No Capítulo IV, no ponto destinado a esta fase, referi que optámos por um modelo de planificações que valorizasse mais os interesses das crianças, em detrimento de um modelo de planificações assente em objectivos. Os motivos para essa escolha já foram indicados naquela parte do trabalho. No entanto, considerei que o facto de as actividades a planificar terem de ser de acordo com o plano de trabalho da Educadora Cooperante e com o projecto curricular da sala, condicionou um pouco a aplicação deste modelo uma vez que as planificações a efectuar tiveram de ser de acordo com temas pré-estabelecidos como o Natal, o Carnaval, o Dia do Pai, etc. não permitindo por esse facto, planificar as actividades que surgissem integralmente dos interesses das crianças. No entanto, nesta fase, julgo que esta condicionante está relacionada com o facto de ainda nos encontrarmos na condição de Educadoras – Estagiárias e não dispormos de autonomia total no processo educativo.

Outro facto que considerei relevante, em termos de experiências educativas, nesta fase, foi a utilização da Ficha 3G do SAC. A utilização deste instrumento permitiu-me reflectir acerca das práticas educativas que adoptei até esta fase e analisar a oferta educativa, clima de grupo, o espaço para a iniciativa, organização e estilo do adulto, de forma a melhorar qualitativamente o contexto educativo. Essas reflexões estão descritas no Capítulo IV, na parte destinada a esta fase do Estágio.

A última fase do Estágio, Implementação e Desenvolvimento do Projecto Pedagógico, foi sem dúvida a mais marcante do ponto de vista das experiências educativas. Em primeiro lugar pelo facto de todo o processo educativo, referente ao Projecto “Hospital sem Medos”, ter sido conduzido por nós, desde a Definição do Problema até à sua Divulgação. Em segundo lugar pela experiência que a sua elaboração nos transmitiu em termos de práticas pedagógicas.

Desenvolver um trabalho tendo como linha orientadora a Pedagogia de Projecto foi bastante gratificante para nós enquanto futuras profissionais. Os interesses e necessidades das

crianças tiveram um papel activo no desenrolar do projecto. Esta metodologia promove uma visão da criança como ser competente e capaz, uma vez que, esta tem a capacidade de desenvolver e gerir o seu processo de aprendizagem de forma mais autónoma.

Assim, cada criança desempenhou um papel imprescindível na elaboração de cada uma das fases do projecto, tendo sido o seu trabalho fundamental para o bom funcionamento do grupo. No decorrer do projecto procurámos proporcionar-lhes momentos de aprendizagem e reflexão crítica acerca do trabalho que desenvolveram bem como um conjunto de actividades lúdicas, divertidas e criativas, partindo estas sempre dos interesses e necessidades das mesmas. *“Também é importante que o professor incentive as crianças a partilhar e a apreciar o bom trabalho que estão a fazer e a ajudar-se umas às outras a estabelecer e a atingir padrões adequados e satisfatórios.”* (Katz & Chard, 1997, p.246)

Antes de darmos início ao projecto sentimos alguns receios relativamente ao modo como as crianças iriam reagir mediante este novo desafio. Contudo, esse sentimento foi sendo ultrapassado com o desenrolar do projecto devido ao interesse e motivação demonstrado pelas mesmas na realização de todas as actividades inerentes.

Em suma, considerei que a elaboração deste projecto foi de extrema importância para a minha formação pessoal e profissional, proporcionando - me um vasto leque de experiências educativas e competências, que, no futuro, servirão de base para a minha profissão enquanto Educadora de Infância.

Considerações Finais

Com o final do Estágio Curricular, que culmina com a apresentação do presente trabalho, pude perceber o quanto importante é este tipo de aprendizagem para a formação de futuros Educadores de Infância, uma vez que este proporciona experiências de carácter socioprofissional, facilitando a construção de competências que se vão desenvolvendo ao longo da prática educativa, tornando-se uma parte integrante do desenvolvimento profissional.

A realização deste Estágio funcionou como um instrumento de reflexão e avaliação, potenciando a construção de significados sobre a realização profissional, ajudando-me a reconhecer as minhas potencialidades e fragilidades bem como a avaliar a minha forma de estar ou ser. Permitiu-me, igualmente, reorganizar o meu pensamento, melhorando algumas concepções e tornando mais clara a visão sobre a Educação de Infância.

No entanto, dada a complexidade de um processo de formação como este, não posso deixar de reconhecer algumas dificuldades que senti ao longo deste percurso. A começar pela gestão do tempo. O facto de o Estágio Curricular decorrer em simultâneo com as aulas teóricas acarretou alguma dificuldade em coordenar o tempo de aulas teóricas, o tempo de prática, os exames e o tempo pessoal. Neste sentido reconheço, agora, o esforço e dedicação que tive de empreender durante este tempo. Outra dificuldade, se é que assim posso chamar, foi a ansiedade e receio nos momentos que antecederam a entrada na prática educativa. Uma vez que esta etapa da formação académica me ia colocar perante o contexto real da Educação de Infância, não tinha a certeza de estar suficientemente preparada para assumir algumas das responsabilidades que eram esperadas enquanto Educadora – Estagiária. Não tinha a certeza se iria conseguir articular os conhecimentos teóricos com a prática educativa. A integração na Instituição foi outro dos momentos que gerou algum receio. No entanto, como referi anteriormente, o papel da Educadora Cooperante foi decisivo para ultrapassar esses receios. O facto de, no primeiro dia, nos ter apresentado a Instituição, facilitou bastante o processo de integração.

Já na entrada das práticas educativas, quando iniciei a intervenção directa com as crianças, reconheço que a minha maior dificuldade era adequar o meu discurso à simplicidade da linguagem das crianças. Com o decorrer do tempo, e de forma natural, ouvindo as crianças, fui adoptando estratégias que me permitiram estabelecer um diálogo de proximidade

com elas. Ainda relativamente às crianças reconheço que, no início, houve momentos em que senti algumas dificuldades em controlar o grupo, em especial nos momentos que era passado na Manta, em conversa em grande grupo. Sentia que não conseguia prender a atenção das crianças, que elas se distraíam com facilidade e por vezes tomavam alguns comportamentos de “rebeldia”. Após ter transmitido esta dificuldade à Educadora Cooperante, percebi que o grupo, efectivamente, não era dos mais fáceis e, segundo a sua opinião, para ultrapassar esta dificuldade, devia adoptar uma postura mais firme, tentando transmitir às crianças que existiam momentos para ouvir, para conversar, para respeitar regras e para brincar. Esta dificuldade, em controlar o grupo, foi-se dissipando à medida que o Estágio se ia desenvolvendo e a minha intervenção directa com as crianças foi aumentando.

Para além das dificuldades sentidas, que acabaram por se transformar em experiência educativas que servirão de base para o meu futuro enquanto Educadora de Infância, o Estágio Final teve aspectos que considere, igualmente, positivos.

Pelo exposto até agora, sobressai um elemento que teve um papel fundamental durante todo este processo. A Educadora Cooperante. Não posso deixar de concordar com as palavras de Alarcão relativamente ao seu papel enquanto supervisora: *“Fazer supervisão implica olhar de forma abrangente, contextualizadora, interpretativa e prospectiva. Um bom supervisor lança o seu olhar entre o passado e o futuro, jogando-o no presente; dirige-o para os professores, mas relança-os para os alunos destes; focaliza-o na sala de aula, mas abre-o para outros contextos que com este microcosmos estabelece relações ecológicas interactivas; preocupa-se com o desenvolvimento individual dos professores, mas considera o papel que, no seu conjunto, desenvolvem na educação e socialização das crianças e dos jovens.”* (Alarcão in Teixeira & Ludovico, 2007, p.64). Sem dúvida alguma a disponibilidade, cooperação, interacção, colaboração e apoio na reflexão me transmitiu um quadro de valores, de atitudes, de conhecimento, bem como as capacidades e competências que me irão permitir enfrentar, no futuro, algumas condições inerentes ao acto educativo.

Integrar-me numa equipa de trabalho foi uma experiência fundamental, pois consegui perceber que na Educação de Infância é fundamental haver coordenação, fomentar diálogo e também saber gerir pequenos conflitos, para que o trabalho de cada pessoa se torne agradável e a instituição seja funcional na sua totalidade.

Desde o início, estabeleceram-se laços de afectividade com o grupo de crianças e um espírito de colaboração com os restantes elementos da comunidade educativa.

O contacto directo com a realidade da profissão de Educadora de Infância, o assumir responsabilidades quotidianas, permitiu-me construir diferentes competências face às situações profissionais que me possam surgir no futuro. Possibilitou-me um conhecimento mais global da cultura profissional. Por todos os factores, até aqui expostos, o Estágio Curricular revelou-se uma experiência bastante positiva, enriquecedora e gratificante quer a nível pessoal, quer, no futuro, a nível profissional.

Bibliografia

Barbosa, M., Horn, M., (2001). *Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil* in Craidy, C., Kaercherg, G., *Educação Infantil para que te quero*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Formosinho, J. O.; Lino, D. e Niza, S. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação*. 3ª edição, Edições Porto Editora. Porto.

Hohmann, M., Weikart, D., (2009). *Educar a Criança*. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Katz, L., Chard, S. (1997). *Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Ministério da Educação (ed.). (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. ME. Lisboa.

Ministério da Educação (ed.). (1997). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. ME. Lisboa

Papalia, D., Olds, S., Feldman, R. (2007). *O Mundo da Criança*. 8ª Edição, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda. Lisboa.

Pires, C.,(2007). *Educador de Infância – Teorias e Práticas*. Profedições Lda./Jornal a Página

Portugal,G., Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar – Sistema de Acompanhamento das Crianças*. Porto Editora. Porto.

Quintans, H., (1997). *Identificação de níveis de reflexão em alunos em formação inicial*. Actas do I Congresso Nacional de Supervisão (pp.124-131). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Resende, L., Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.

Vilar, A., (1993), *O Professor Planificador*, Edições ASA, Cadernos Pedagógicos, Porto.

Vilarinho, M., (2000). *Políticas de Educação Pré – Escolar em Portugal (1977-1997)*. Braga: Instituto de Inovação Educacional.

Teixeira, O., Ludovico, A. (2007). *Educação Pré-Escolar: Currículo e Supervisão*. Editorial Novembro.

Silva, I.,(1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar em Portugal – A participação dos Educadores*. In Pensar o Currículo em Educação de Infância, Actas do VII – Encontro Nacional da APEI, 1 a 4 de Abril (pp.51-60). Lisboa : Escola Superior de Educação Social.

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed

Apêndices

Grupo: sala dos 3anos				N.º de Crianças: 14		N.º de adultos: 4		Semana de: <u>2</u> a <u>3</u> de Dezembro	
						Tempo: <u>10: 45</u> às <u>11:15</u>			
Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emoc (de 1 a 5)	Observações	Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emoc (de 1 a 5)	Observações		
1	Beatriz Flório	2 4 Imp. B-E	Na actividade da pintura das estrelas de natal, a criança não conseguiu estar muito tempo sentada, distraíndo-se com as canetas de feltro e lápis de cor. A nível do bem-estar está serena e contente, mas sempre distante.	6	Maria	5 5 Imp. B-E	Na actividade da pintura das estrelas de natal, a criança conseguiu pintar com facilidade, demorando pouco tempo na sua realização. A nível do bem-estar a sua expressão era de alegria, serenidade e descontração.		
2	Bernardo	4 4 Imp. B-E	Na actividade da leitura, ou seja, quando a educadora conta uma história e por fim faz perguntas sobre a história, a criança ouve com atenção e tenta participar de uma forma activa, respondendo às questões colocadas. A nível do bem-estar, esta exprime alegria e contentamento.	7	Mariana Mendes	2 3 Imp. B-E	Na actividade da pintura das estrelas de natal, a criança estava pouco entusiasmada, distraíndo-se com o que os colegas faziam, permanecendo sempre distante. A nível do bem-estar a criança não mostrou grande expressividade.		

3	Mariana Cardoso	2 Imp. 4 B-E	Na actividade da leitura, ou seja, quando a educadora conta uma história e por fim faz perguntas sobre a história, a criança distrai-se frequentemente, mantendo conversa com outro colega. A nível do bem estar, exprime algum relaxamento e serenidade.	8	André Fragas	3 Imp. 4 B-E	Na actividade da leitura, ou seja, quando a educadora conta uma história e por fim faz perguntas sobre a história, a criança está a ouvir a história, mas mostra um ar distante. A nível do bem-estar esta mostra grande relaxamento na sua postura, com grande tranquilidade.
4	António	2 Imp. 3 B-E	Na actividade da pintura das estrelas de natal, a criança não conseguiu pintar sem pedir ajuda e esta não respeitava os limites da linha do desenho. A nível do bem-estar não mostra qualquer sinal de desconforto ou prazer.	9	Beatriz Teixeira	2 Imp. 2 B-E	Na actividade da leitura, ou seja, quando a educadora conta uma história e por fim faz perguntas sobre a história, esta ouve a história, mas no momento que a educadora coloca algumas questões, esta fica distraída, respondendo às questões de forma incorrecta, pois não ouviu a pergunta. A nível do bem-estar esta mostra grande agitação, com alguma perturbação no seu comportamento.

5	Jacinta	5 5 Imp. B-E	Na actividade da leitura, ou seja, quando a educadora conta uma história e por fim faz perguntas sobre a história, a criança está concentrada e interessada em ouvir a história, respondendo às questões colocadas pela educadora. A nível do bem-estar, exprime entusiasmo e alegria.	10	Lucas	4 4 Imp. B-E	Na actividade da pintura das estrelas de natal, a criança pintou com algumas dificuldades, apesar de mostrar empenho e persistência em ultrapassá-las. A nível do bem-estar, a criança exprime entusiasmo, alegria e tranquilidade.
---	---------	--	--	----	-------	--	---

Apêndice 1
ETAPA 1 – AVALIAÇÃO GERAL DO GRUPO (IMPLICAÇÃO E BEM ESTAR)
SAC – Ficha 1G

Grupo: sala dos 3 anos		N.º de Crianças: 14		N.º de adultos: 4		Semana de: <u>2</u> <u>a</u> <u>3</u> de Dezembro	
				Tempo: <u>10:45</u> às <u>11:00</u>			
Nome da Criança	Implicação Bem-Estar Emoc (de 1 a 5)	Observações	Nome da Criança	Implicação Bem-Estar Emoc (de 1 a 5)	Observações		
1 Rafael	4 3 Imp. B-E	Na actividade da leitura, ou seja, quando a educadora conta uma história e por fim faz perguntas sobre a história, a criança mostra estar concentrada, entusiasmada e absorvida na actividade. A nível do bem-estar a criança demonstrou espontaneidade, mas sem grande expressão no rosto, ou seja, não mostrava nem prazer nem desconforto.	6	Imp. B-E			
2 Ana Carolina	3 3 Imp. B-E	Na actividade da pintura das estrelas de natal, a criança estava distraída com a brincadeira que mantinha com a colega. A nível do bem-estar esta demonstrou uma postura neutra, sem grandes expressões.	7	Imp. B-E			

3	Luana	2 Imp. 4 B-E	Na actividade da pintura das estrelas de natal, a criança estava com algumas dificuldades, pois pediu ajuda para concluir a pintura. A nível do bem-estar esta demonstrou vitalidade e alegria.	8		Imp. B-E	
4	Daniela	4 Imp. 4 B-E	Na actividade da leitura, ou seja, quando a educadora conta uma história e por fim faz perguntas sobre a história, a criança mostra estar contente ao ouvir a história e curiosa em relação ao formato do livro e às suas cores. A nível do bem-estar a criança mostra uma expressão de serenidade, alegria e descontraído.	9		Imp. B-E	
5		Imp. B-E		10		Imp. B-E	

Grupo: Sala dos 3 anos			N.º de Crianças: 7			N.º de adultos:4		
			Semana de: <u>2</u> a <u>3 de Dezembro</u>					
			Tempo: <u>9:30</u> às <u>10:00</u>					
Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emoc (de 1 a 5)	Observações	Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emoc (de 1 a 5)	Observações	
1	Daniela	3 3 Imp. B-E	Na actividade do “jogo das cadeiras”, a criança estava participativa, e verifica-se que esta aceita bem ter perdido no jogo. A nível do bem-estar, tem uma postura neutra, não mostrando qualquer sinal de desconforto ou prazer.	6	Bruna	4 5 Imp. B-E	Na actividade da pintura, a criança mostrou estar concentrada e absorvida no que estava a fazer, tentando respeitar os limites da linha do desenho. A nível do bem-estar a criança exprime serenidade, revelando ter a auto-estima e confiança.	
2	Martim	2 3 Imp. B-E	Na actividade da pintura, a criança mostrou-se um pouco desligada do que estava a fazer, sem grande entusiasmo. A nível do bem-estar a sua expressão não mostra desconforto nem prazer.	7	Beatriz Rosa	5 5 Imp. B-E	Na actividade do “jogo das cadeiras” , a criança aderiu bem ao jogo, pedindo para que se jogasse mais uma vez, mostrando-se à vontade, agindo assim, de uma forma espontânea. A nível do bem-estar mostra vitalidade, alegria e vitalidade.	

3	Sandra	2 Imp. 2 B-E	Na actividade do “jogo das cadeiras”, a criança estava pouco entusiasmada, com alguma agitação, pois passou todo o tempo a desarrumar as cadeiras, e fez o jogo por fazer, ou seja, não percebeu o objectivo do jogo. A nível do bem-estar parece desequilibrada e distante.	8		Imp. B-E	
4	Mariana Mendes	1 Imp. 2 B-E	Na actividade do “jogo das cadeiras”, a criança não quis realizar o jogo, e isolou-se na sala numa cadeira, verificando-se assim ausência na actividade. A nível do bem-estar parece desequilibrada e distante.	9		Imp. B-E	
5	Bernardo	4 Imp. 4 B-E	Na actividade do “jogo das cadeiras”, a criança mostra-se activa e concentrada, e revela já conhecer o jogo. A nível do bem-estar mostra vitalidade, espontaneidade e alegria sorrindo várias vezes.	10		Imp. B-E	

Apêndice 2 – 1ª Tabela de Registo do Projecto “Ciclo da Água”

Tabela de Registo

	Penso que....	Observei, experimentei e verifiquei que...
O que é o gelo?	É água...	É água em estado sólido, porque é rijo e muito frio.
O que acontecerá a um cubo de gelo se o tivermos na mão?	Derrete...	Se o colocarmos na mão, o gelo derrete porque a nossa mão está quente.
O que vai acontecer se puser o gelo dentro de um copo com água?	Derrete...	Se colocarmos o gelo dentro de um copo de água, o gelo derrete porque a água que está no copo está mais quente, foi o que aconteceu há pouco.
O que vai acontecer se eu puser água numa cuvette, e de seguida colocar a cuvette no congelador?	Não sabemos...	Ficou em gelo, porque estava muito frio.

ANÁLISE DO GRUPO	
O QUE ME AGRADA	O QUE ME PREOCUPA
O que está a correr bem? Que aspectos positivos se devem realçar como evidências de bons níveis de bem-estar e implicação no grupo.	O que é preocupante? Que aspectos me inquietam e impressionam relativamente às evidências de neutro ou fracos níveis de bem-estar e implicação no grupo.
As crianças circulam pelo espaço bastante à vontade sem qualquer restrição fora da hora das actividades, ou seja, circulam livremente pela sala mas sem provocar grande desordem. Quando estão envolvidas nas tarefas, já existem determinadas regras que respeitam, nomeadamente sentarem-se nas mesas para trabalhar sem grande desordem. Na mesa de trabalhos a Educadora distribui os lugares de forma a separar as crianças que se portam melhor daquelas que são mais irrequietas	O que me preocupa no grupo são determinados comportamentos agressivos que algumas crianças vão revelando ao longo do tempo. Por vezes quando as crianças se encontram no cantinho da manta e a Educadora está a falar com eles e a explicar-lhes o que vão fazer, algumas crianças não conseguem manter-se sossegadas provocando distúrbio nos restantes elementos do grupo. Atitudes como dar uma estalada ao colega, um pontapé, puxar os cabelos, ou então não conseguirem estar sentadas no lugar e roubar o lugar a outros colegas, são, na maioria das vezes, comportamentos repetidos, que não se alteram, mesmo que a Educadora intervenha e diga que não é a forma mais correcta de agir. Por muito que as crianças façam uma reflexão do que está acontecer no momento e que compreendam que o que estão a fazer está errado, voltam a tomar o mesmo comportamento no dia a seguir.

Outro aspecto relevante, é a distribuição do grupo de acordo com a heterogeneidade das idades, ou seja, como o grupo de crianças é constituído por crianças mais velhas e mais novas (crianças com transição dos 2 para os 3 anos, e dos 3 anos para os 4 anos), a Educadora junta crianças mais novas com as mais velhas para realizar determinados trabalhos, por exemplo, um desenho que tenha mais pormenores e que se tenha de respeitar os limites/contornos do mesmo, como as crianças mais velhas têm mais facilidade para colorirem do que as mais novas, ao juntarmos duas crianças que não estejam ao mesmo nível, leva a que uma seja influenciada pela outra, ou seja, a criança mais nova é ajudada pela que a tem maior idade.

- Em geral o grupo é implicado nas tarefas que realizam. No entanto algumas crianças não gostam de realizar determinadas tarefas, em particular tarefas que envolvam a expressão plástica. O grupo é bastante empenhado, com grande vitalidade, participando de forma activa em quaisquer áreas curriculares definidas pelas OCEPE.

- Ao nível da escolha dos espaços onde as crianças podem brincar, existe alguma restrição por parte da Educadora. Pode observar que é a Educadora a indicar quais as áreas que as crianças podem brincar, o que na minha opinião se torna uma limitação para as crianças na medida em que não podem escolher, por livre vontade, a área onde pretendem brincar.

- A nível das relações estabelecidas entre os adultos e as crianças, pude observar que existe uma grande manifestação de afectividade adequada (havendo retribuição de carícias tanto da parte do Educador como da criança). Por exemplo, na recepção das crianças na chegada à Instituição de manhã, pude observar que as auxiliares são bastante calorosas manifestando preocupação com as mesmas perguntando se estão bem dispostas, tecendo alguns elogios sobre a roupa que trazem vestida, dizendo que esta ou aquela peça é bonita e que lhes fica bem. Quando a Educadora chega de manhã ao refeitório, local onde estes se reúnem antes de irem para a sua sala, tem a preocupação de cumprimentar individualmente cada criança havendo retribuição do cumprimento por parte das mesmas. Se a Educadora não tiver cumprimentado determinada criança, por não ter reparado que aquela já se encontra no espaço, a própria criança dirige-se a ela e diz-lhe que ainda não recebeu o seu beijinho matinal.

ANÁLISE DO CONTEXTO

FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA ALTOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO

1. Ambiente estimulante (estruturas bem equipadas, variedade de materiais e experiências, etc):

Toda a instituição é um espaço bem iluminado em termos de luz natural, com aquecimento central, sendo um espaço amplo, o que permite às crianças movimentarem-se livremente para qualquer sítio.

A meu ver, a existência de uma escadaria dificulta acesso das crianças às salas .

A nível da organização da sala, esta está dividida por vários cantos de lazer e trabalho. É constituída pelo canto da mantinha, onde se encontra um tapete grande e um espelho fixado na parede para as crianças se poderem olhar nele (o que acontece na maioria das vezes, quando estão sentadas no tapete). Outro canto da sala que as crianças gostam de permanecer é o cantinho da casa das bonecas, onde podemos encontrar uma diversidade de objectos que fazem parte da casa, nomeadamente uma mesa, uma banca de cozinha equipada com forno e toda a louça e elementos que fazem parte de uma cozinha, e também alguns bonecos e bonecas com roupas e os respectivos acessórios.

FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA BAIXOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO

1. Ambiente empobrecido (infraestruturas limitadas, material desgastado e inadequado, oferta diminuta de experiências, etc):

Também existe o canto da leitura, onde estão dispostos alguns livros e contos infantis, mas a meu ver, este devia ser um lugar com maior espaço e com algum conforto, recorrendo a almofadas e “pufs” o que permitia, à criança, ter um momento de leitura mais relaxada e de forma mais agradável.

No que aos jogos diz respeito, não existe um espaço específico onde estes possam ser desenvolvidos. Os jogos estão dispostos numa prateleira aberta e acessíveis mas sem etiquetas, e as crianças têm que escolher uma área para brincarem (ou estão sentados no canto da mantinha ou estão sentadas nas mesas onde costumam trabalhar).

A nível dos materiais disponíveis, alguns já estão um pouco usados e gastos verificando-se a falta de determinadas peças, mas pude observar que estão adequados ao número, idade e sexo das crianças.

Os materiais são puzzles com peças grandes, jogos para que a criança estabeleça correspondência entre imagens, sapatos de madeira com cordões para que a criança possa desenvolver motricidade fina, uma caixa de botões grandes e coloridos de forma a que a criança possa identificar cores primárias e secundárias e ao mesmo tempo possa usar esses botões para elaborar colares. Também existem vários tipos de legos para a realização de construções.

A nível do espaço exterior as crianças têm acesso a uma varanda que pertence à sala, onde se podem encontrar 2 ou 3 triciclos com pedais para brincarem e que são muito disputados pela maioria das crianças, e mais uma caixa de legos. O chão da varanda é revestido a pedra.

Nessa varanda pude observar que as crianças brincam mais entre elas, talvez pela falta de materiais.

A meu ver, havendo um espaço exterior que se localiza perto da Instituição designado como um parque verde, onde podemos encontrar mesas de piquenique, um lago e bastante vegetação, onde as crianças podem brincar livremente, e com maior à vontade, aproveitando a natureza. Esse espaço podia ser utilizado para as crianças brincarem no tempo de descontração, intervalado pelos momentos de actividades.

A não utilização desse espaço por parte da Educadora talvez seja limitada pelas condições climatéricas...

2. Atmosfera positiva e bom clima de grupo (atmosfera agradável, interações positivas, sentido de pertença, etc): Desde o início comecei por perceber que as crianças estabelecem interações positivas, sabendo partilhar brincadeiras uns com os outros, respeitando o espaço de cada um. Um factor importante é de gostarem de colaborar em todas as tarefas propostas. Apenas algumas crianças tem maior dificuldade em manter interações positivas.	2. Atmosfera inibidora e fraco clima de grupo (interações frias, demasiado ruído ou silêncios constrangedores, crianças e adultos da sala mantêm contactos fugazes e impessoais, etc):
3. Espaço para iniciativa (é favorecida a escolha das crianças relativamente a actividades, assuntos, negociações, regras, etc):	3. Falta de oportunidade para iniciativa (actividades predominantemente impostas e conduzidas pelos adultos, pouca flexibilidade na estruturação dos dias, na negociação e na tomada de decisões, fraca responsabilização da criança, etc) As actividades são sempre conduzidas pelo adulto, não dando oportunidade ao grupo para escolherem o que querem fazer. Geralmente é a educadora que planei o que vai fazer, como e quando vai fazer. No entanto existem determinadas estratégias que proporcionam ao grupo a oportunidade da responsabilização. Por exemplo, as crianças quando chegam de manhã à sala, começam por sentar-se na maninha e a educadora pergunta quem está a faltar naquele dia e de seguida uma das crianças é escolhida aleatoriamente para preencher a tabela do tempo.

Outra estratégia utilizada para a escolha do Chefe do grupo naquele dia é através de um relógio elaborado pela Educadora. Esse relógio funciona com todas as fotografias das crianças da sala, em que o ponteiro do relógio escolhe a criança de acordo com a ordem que as fotografias se encontram.

4. Organização eficiente (plano do dia acessível e voltado para as crianças, gestão de tempo sem momentos "vazios/mortos", orientação e acompanhamento adequados, gestão do grupo apropriada, etc...)

4. Organização insuficiente (o plano do dia não é voltado para as crianças, o tempo é mal gerido e explorado, especialmente nas rotinas de transição, a orientação não é usada de modo otimizado, a gestão do grupo é desajustada, etc)

A nível do plano do dia este é gerido pela Educadora .Na minha opinião acho que a Educadora centra muito as actividades a nível de trabalhos manuais, levando sempre as crianças a colorirem desenhos, a amachucarem papéis e colarem para enfeitar um desenho alusivo à época, deixando por vezes áreas importantes, como a matemática, o conhecimento do mundo, a expressão dramática e muitas mais.

Durante as esperas para a higiene, por vezes as crianças são chamadas todas em conjunto para ir à casa de banho, criando-se alguma confusão, e não sabendo por vezes qual a criança que não foi à casa de banho.

5. Estilo do adulto adequado (atenção aos sentimentos e necessidades das crianças, intervenção estimulante e promotora da iniciativa da criança, etc)		5. Estilo do adulto inadequado (os sentimentos e disposições das crianças não são tomados em conta, pouco ou nenhum estímulo ao ímpeto exploratório das crianças, desvalorização das iniciativas das crianças, etc)	
		É sempre o educador quem distribui as crianças pelas áreas da sala, limitando a escolha da criança.	
Factores inerentes à criança (dia de aniversário, nascimento de um irmão, celebração familiar, etc)	Circunstâncias excepcionais (poucas crianças na sala, dia de actividade excepcional, etc)	Factores inerentes à criança (doença, crise familiar, etc)	Circunstâncias excepcionais (presença de novo adulto na sala, falta de adulto de referência, etc)
Normalmente em dias de aniversário comemora-se com um bolo. Os pais também costumam participar na festa.			Na última semana de estágio, antes de entrarmos em férias, uma das auxiliares que pertencia à sala, deixou de trabalhar na instituição. A educadora preparou as crianças, explicando que esta tinha que se ir embora, pois tinha que ir trabalhar para o local onde os pais estão a trabalhar (a maioria das crianças têm pais a trabalhar no hospital), porque os utentes mais debilitados estavam a precisar de ajuda. Nesse dia, as crianças ficaram a conhecer a nova funcionária que ia entrar para a sala, e que para as crianças não teve grande impacto, pois essa funcionária já fazia parte da “casa”, trabalhando como copeira no refeitório. As crianças diariamente convivem com a funcionária à hora de almoço.

OPINIÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O JI	
O que lhes agrada	O que lhes desagrada
• “Gosto de brincar com legos” (João Afonso) • “Gosto de brincar na casa das bonecas” (Maria) • “ Gosto de desenhar” (Beatriz Rosa) • “ Gosto de brincar com plasticina” (Mariana Cardoso)	• “ Não gosto de desenhar” (António) • “ Não gosto de fazer puzzles” (Luana) • “ Não gosto de ir para casa das bonecas” (Hugo Miguel) • “ Não gosto de brincar com legos” (Bruna)
Interesses ou desejos • Gostava que a sala tivesse um computador (Filipe) • Gostava que a sala tivesse mais livros (Carolina)	

INFORMAÇÕES GERAIS	
Características/recursos da comunidade e famílias	Projecto do Agrupamento/Instituição
• Alguns pais são bastante empenhados no que diz respeito ao acompanhamento do percurso educativo dos filhos, participando em trabalhos propostos pela a Educadora, e também nas festas anuais. • Por outro lado, a Educadora comenta que quando solicita a presença dos pais numa reunião, apenas aparecem dois ou três no máximo, num total de 23 crianças.	• Nesta fase, não tivemos, ainda, acesso ao projecto educativo da instituição. Apenas sabemos que o tema principal de trabalho este ano é designado por “ Vitória, Vitória ...vamos ouvir uma história”.

Apêndice 4 – Planificações da 3ª Fase de Estágio

Grelha de planificação de actividades semanal

Semana: 23/02/2011 a 25/02/2011

<i>Actividade(s)</i>	<i>Competências</i>	<i>Áreas de Conteúdo</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Recursos</i>	<i>Estratégias de Avaliação</i>
23/02/2011 e 24/02/2011 História “O Palhaço Verde”	- Adquire novos vocabulários; - Progrida no domínio da linguagem; - Identifica as principais personagens e reconta alguns momentos da história; - Demonstra e compreende a informação transmitida oralmente; - Articula com correcção as palavras; - Desenvolve o gosto de participar activamente no grupo;	- Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral); - Formação Pessoal e Social.	- Conversa de grande grupo sobre a história e a temática do Carnaval; - Leitura da história (as crianças encontram-se em grande grupo sentadas na mantinha); - Diálogo sobre a história; - Questionar as crianças a respeito do que sabem acerca do carnaval, designadamente características dos palhaços; - Conversa de grande grupo sobre a actividade a desenvolver.	Humanos: Estagiárias. Materiais: Livro da história “O Palhaço Verde”).	- Diálogo com as crianças; - Observação directa do comportamento das crianças; - Reflexão sobre os conhecimentos/saberes das crianças ao longo da conversa em grande grupo.

	- Aprende a dar a oportunidade aos outros de intervirem na conversa e espera a sua vez para intervir; - Manifesta pensamento crítico.				
--	--	--	--	--	--

<i>Actividade(s)</i>	<i>Competências</i>	<i>Áreas de Conteúdo</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Recursos</i>	<i>Estratégias de Avaliação</i>
A realizar de 23/02/2011 a 25/02/2011 Actividade de Expressão Plástica sobre o Carnaval: elaboração de pequenos palhaços (por peças)	- Experimenta a cor; - Revela criatividade na elaboração das suas produções; - Manifesta algum domínio das técnicas básicas da expressão plástica; - É criativa; - Aperfeiçoa o controlo na manipulação e utilização dos materiais; - Contacta com diversos materiais decorativos (cores, texturas, tamanhos). - Desenvolve a tomada de iniciativa; - Desenvolve o gosto de participar activamente no grupo; - Colabora, ajuda e solidariza-se com o outro; - Sabe orientar-se autonomamente; - Tem confiança nas suas capacidades; - Desenvolve atitudes de respeito pelo outro;	- Expressões (Domínio da Expressão Plástica); - Formação Pessoal e Social.	- Conversa de grande grupo sobre a actividade a desenvolver; - Decoração por parte das crianças das imagens facultadas pelas estagiárias; - Preparação dos materiais necessários para a realização da actividade; - Picotagem das imagens; - Colagem e decoração/ilustração dos palhaços.	Humanos: Estagiárias; educadora cooperante; auxiliares de acção educativa. Materiais: Imagem de palhaço; cola; canetas de feltro; tesouras; caneta preta; tampas de garrafas; vários materiais decorativos com várias texturas e padrões; brilhantes.	- Observação directa do comportamento das crianças; - Diálogo com as crianças; - Reflexão sobre as reacções, respostas e comentários das crianças durante a realização da actividade; - Observação directa do desempenho das crianças na actividade; - Registo fotográfico.

	- Arruma o material que utiliza e deixa o espaço limpo; - Colabora em actividades de pequeno grupo e grande grupo, cooperando no desenrolar da actividade e/ou na elaboração do produto final.				
--	---	--	--	--	--

<i>Actividade(s)</i>	<i>Competências</i>	<i>Áreas de Conteúdo</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Recursos</i>	<i>Estratégias de Avaliação</i>
25/02/2011 Actividade de Expressão Plástica sobre o Carnaval: Pintura de um palhaço num cartaz	- Experimenta a cor; - Revela criatividade na elaboração das suas produções; - Manifesta algum domínio das técnicas básicas da expressão plástica; - É criativa; - Aperfeiçoa o controlo na manipulação e utilização dos materiais; - Contacta com diversos materiais decorativos (cores, texturas, tamanhos). - Desenvolve a tomada de iniciativa; - Desenvolve o gosto de participar activamente no grupo; - Colabora, ajuda e solidariza-se com o outro; - Sabe orientar-se autonomamente; - Tem confiança nas suas capacidades;	- Expressões (Domínio da Expressão Plástica); - Formação Pessoal e Social.	- Conversa de grande grupo sobre a actividade a desenvolver; - Pintura do palhaço com a participação das crianças; - Preparação dos materiais necessários para a realização da actividade; - Colagem e decoração/ilustração do palhaço.	Humanos: Estagiárias; educadora cooperante; Materiais: Imagem de um palhaço; cola; tintas de várias cores; brilhantes; materiais decorativos; tampas de garrações; lã de várias cores; caneta de feltro azul e preta; lápis; pincéis; tesouras.	- Observação directa do comportamento das crianças; - Diálogo com as crianças; - Reflexão sobre as reacções, respostas e comentários das crianças durante a realização da actividade; - Observação directa do desempenho das crianças na actividade; - Registo fotográfico.

	- Desenvolve atitudes de respeito pelo outro; Arruma o material que utiliza e deixa o espaço limpo; - Colabora em actividades de pequeno grupo e grande grupo, cooperando no desenrolar da actividade e/ou na elaboração do produto final.				
--	---	--	--	--	--

Semana: 10/03/2011 a 11/03/2011

<i>Actividade(s)</i>	<i>Competências</i>	<i>Áreas de Conteúdo</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Recursos</i>	<i>Estratégias de Avaliação</i>
10/03/2011 História “O Meu Pai”, de Anthony Browne	- Adquire novos vocabulários; - Progride no domínio da linguagem; - Identifica as principais personagens e reconta alguns momentos da história; - Demonstra e compreende a informação transmitida oralmente; - Articula com correcção as palavras; - Desenvolve o gosto de participar activamente no grupo; - Aprende a dar a oportunidade aos outros de intervirem na conversa e espera a sua vez para intervir; - Manifesta pensamento crítico.	- Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral); - Formação Pessoal e Social.	- Conversa de grande grupo sobre a história e a festividade do Dia do Pai; - Leitura da história (as crianças encontram-se em grande grupo sentadas na mantinha); - Diálogo sobre a história; - Questionar as crianças a respeito do que a figura paternal representa para elas; - Conversa de grande grupo sobre a actividade a desenvolver.	Humanos: Estagiárias. Materiais: Livro da história “O Meu Pai”.	- Diálogo com as crianças; - Observação directa do comportamento das crianças; - Reflexão sobre os conhecimentos/saberes das crianças ao longo da conversa em grande grupo.

<i>Actividade(s)</i>	<i>Competências</i>	<i>Áreas de Conteúdo</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Recursos</i>	<i>Estratégias de Avaliação</i>
A realizar de 10/03/2011 a 11/03/2011 Elaboração da prenda para o Dia do Pai	- Experimenta a cor; - Revela criatividade na elaboração das suas produções; - Manifesta algum domínio das técnicas básicas da expressão plástica; - Revela criatividade na elaboração das suas produções; - Aperfeiçoa o controlo na manipulação e utilização dos materiais; - Contacta com diversos materiais decorativos (cores, texturas, tamanhos); - O registo gráfico das suas produções evolui para formas reconhecíveis; - Controla o traço; - O espaço gráfico aparece organizado. - Desenvolve a tomada de iniciativa; - Desenvolve o gosto de participar activamente no grupo;	- Expressão e Comunicação (Domínio da Expressão Plástica) - Formação Pessoal e Social	- Conversa de grande grupo sobre o pai (características, qualidades e defeitos) e o dia que lhe é dedicado e sobre a actividade a desenvolver; - Reunir as crianças nas mesas de trabalho; - Preparação dos materiais necessários para a realização da actividade; - Elaboração das molduras, do desenho e dos porta-lápis com as crianças; - Colagem e decoração/ilustração das molduras e do porta-lápis. - Após a actividade, diálogo com as crianças.	Humanos: Estagiárias; Auxiliares de Acção Educativa; Educadora Cooperante. Materiais: Cartolinas; cola; tesoura; lápis; canetas de feltro; placas de espuma; rolos de papel higiénico; papel crepe.	- Diálogo com as crianças; - Observação directa do comportamento das crianças; - Reflexão sobre os conhecimentos/saberes das crianças ao longo da conversa em grande grupo; - Conversa com a educadora; - Registo fotográfico.

	- Colabora, ajuda e solidariza-se com o outro; - Sabe orientar-se autonomamente; - Tem confiança nas suas capacidades; - Desenvolve atitudes de respeito pelo outro; Arruma o material que utiliza e deixa o espaço limpo; - Colabora em actividades de pequeno grupo e grande grupo, cooperando no desenrolar da actividade e/ou na elaboração do produto final.				
--	---	--	--	--	--

Acções para o período de 27.04.2011 a 03.04.2011		Grupo: 3 anos
Prioridades¹: ☐ Oferta Educativa ☐ Clima de Grupo ☐ Espaço para Iniciativa ☐ Organização ☐ Estilo do Adulto ☐ Outros aspectos		
OBJECTIVOS (Considerando a análise da ficha 2G, que fins gostaria de alcançar?)	- Melhorar alguns materiais educativos, assim como o espaço do cantinho da leitura; - Valorizar mais a utilização do espaço exterior, nomeadamente utilização do bosque, realizando algumas actividades nesse espaço;	
Âmbito	Intenções/necessidades de mudança	Iniciativas/Acções concretas a desenvolver
OFERTA EDUCATIVA	- Reformular algumas áreas da sala; - Utilização com maior frequência o espaço exterior, promovendo um ambiente diferente às crianças; - Reformular o espaço exterior (varanda da sala), colocando à disposição das crianças uma maior variedade de materiais e brinquedos;	- Reorganizar o espaço da leitura, de modo a que este se torne mais funcional, para que as crianças comecem a utilizar esse espaço; - Colocar à disposição das crianças maior variedade de material e brinquedos, no espaço exterior (varanda da sala), tais como, legos, arcos, “pufs” para descansarem e relaxarem, escorrega;
CLIMA DE GRUPO	- Privilegiar a proximidade e escuta atenta das crianças; - Regular conflitos, através do cumprimento de algumas regras;	- Procurar ir ao encontro dos interesses das crianças; - Ouvir as opiniões das crianças; - Ajudar as crianças a reflectirem sobre o seu comportamento; - Ajudar as crianças a respeitarem o cumprimento de regras;

¹ Assinalar os campos de intervenção prioritária com a atribuição por ordem crescente de números de 1 a 5.

ESPAÇO PARA INICIATIVA	• Incentivar o espírito criativo; • Incentivar mais, o acto de partilha, relativamente a algumas crianças;	• Dar oportunidade à criança escolher o seu projecto individual, em que esta decide o que fazer, como, e quando.
ORGANIZAÇÃO	• Tornar mais calmos os tempos de higiene e tentar reduzir o tempo com que é efectuada esta rotina;	• Nos tempos de higiene, para não se perder muito tempo com essa rotina, as crianças devem ser chamadas individualmente, de modo a que estes não deixem de fazer a sua actividade por completo, e assim retomarem a actividade quando estes acabarem a sua rotina.
ESTILO DO ADULTO	• Dar ênfase a comportamentos positivos; • Tentar explicar como se resolvem os problemas mas sem dar soluções;	• Dar importância ao sucesso das crianças, quando estas conseguem realizar uma actividade com êxito; • Permitir que as crianças descubram por si próprios a resolução de problemas, e que estas também explorem várias soluções para o mesmo problema
OBSERVAÇÕES		

Apêndice 6 – 2ª Tabela de Registo do Projecto “Ciclo da Água”

REGISTAR AS PREVISÕES

O QUE ACONTECERÁ A UM CUBO DE GELO SE O TIVERMOS NA MÃO?



+



=

?

DESENHO COMO PENSO QUE VAI FICAR

DESENHO COMO FICOU

REGISTAR AS PREVISÕES

O QUE VAI ACONTECER AO GELO SE EU PUSER O GELO DENTRO DE UM COPO COM ÁGUA?



+



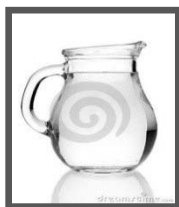
= ?

DESENHO COMO PENSO QUE VAI FICAR

DESENHO COMO FICOU

REGISTAR AS PREVISÕES

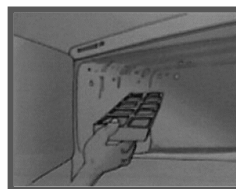
**O QUE VAI ACONTECER SE EU PUSER ÁGUA NUMA CUVETE, E DE
SEGUIDA COLOCAR A CUVETE NO CONGELADOR**



+



+



= ?

DESENHO COMO PENSO QUE VAI FICAR

DESENHO COMO FICOU

Apêndice 7 – Fotografias da Actividade do dia 23 de Fevereiro de 2011



Apêndice 8 – Fotografias da Actividade do dia 10 de Março de 2011

